

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

ALINE LUCIANA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA DANÇA DE CABOCLOS
“FOLGUEDO DOS ARREPIADOS” NO TERRITÓRIO SERRA DO BRIGADEIRO**

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2016

ALINE LUCIANA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA DANÇA DE CABOCLOS
“FOLGUEDO DOS ARREPIADOS” NO TERRITÓRIO SERRA DO BRIGADEIRO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Geografia da Universidade Federal de
Viçosa como requisito para obtenção
do título de bacharel em Geografia.**

Orientador: André L. L. Faria

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2016

ALINE LUCIANA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA DANÇA DE CABOCLOS
“FOLGUEDO DOS ARREPIADOS” NO TERRITÓRIO SERRA DO BRIGADEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

APROVADA: 28 de junho de 2016.

Prof. André L. L. Faria
(Orientador)
(UFV)

Prof. Angelo A. F. Assis
(UFV)

Prof. Edson Soares Fialho
(UFV)

Prof. Adélcio de Souza Cruz
(UFV)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe;

A minha filha;

A família Silveira Gomes;

Ao Milton Gino dos Santos;

Ao meu professor e orientador André L. L. Faria;

Ao Cláudio V. P. de A. Andrade;

A Andiara Floresta Honotório;

Ao Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;

Aos membros do Grupo de Estudos Indígenas Povos Originários – GEIPÓ (UFV);

Aos meus amigos que sempre torceram por mim;

A todos que contribuíram para que eu completasse esta jornada.

RESUMO

A presente pesquisa realizou a representação espacial e temporal das apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” de Araponga – MG, a partir de ferramentas de Sistemas de Informações Geográficas, no Território Serra do Brigadeiro, no período entre 2001 e 2014. O recorte temporal de análise foi estabelecido entre 1996 e 2015, período em que o grupo possuiu (e ainda possui) o mesmo coordenador. Porém, devido ao caráter não periódico das apresentações, a sua representação cartográfica incluiu apenas o período indicado inicialmente (2001 – 2014). A origem da Dança de Caboclos, ou Caboclinhos, remonta às ações jesuíticas no período colonial, no Brasil. Esta dança ainda é realizada em diversos estados, assumindo variações e diferentes conotações. Em Araponga esta manifestação cultural tem sido relacionada ao Povo Originário Puri, historicamente presente na região, cujos descendentes ainda se encontram nos municípios do entorno da Serra do Brigadeiro. Segundo os membros do grupo de Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, esta manifestação busca representar as habilidades necessárias à formação de um guerreiro Puri. Deste modo, esta dança é composta por três partes: a Dança de Arco e Flechas (referindo-se à caça), a Dança de Porretes (representando a luta) e a Dança de Cordas (que remete à rapidez e habilidade de deslocamento do guerreiro). Esta manifestação é uma importante fonte de referência e identidade, tanto para a cidade de Araponga, quanto para as cidades do entorno da Serra. A influência das políticas implementadas no Território Serra do Brigadeiro, a partir de 2003, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário com recursos para a criação da Casa de Cultura “Arrepiados da Serra”, na cidade de Araponga, possibilitando o envolvimento da manifestação cultural em questão em diferentes projetos do município; aos eventos denominados “Terreiros Culturais”, voltados à valorização da cultura do Território Serra do Brigadeiro, sendo o principal meio que proporcionou a territorialização da dança para além dos limites de seu município de origem. Os dados obtidos para a realização da pesquisa foram disponibilizados pelas instituições que possuíam relação com a dança: o Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga e a Associação Cultural Sons da Mata (em Leopoldina - MG). A partir da coleta foi gerado um banco de dados contendo os locais, datas, eventos, e apoios ocorridos. As representações espaciais e temporais foram plotadas em imagens TM/Landsat-8 permitindo a geração de dois mapas referentes às apresentações. Foram gerados também dois quadros contendo dados a respeito das apresentações, permitindo uma maior compreensão da distribuição espacial observada no recorte temporal proposto. A utilização dos Sistemas de Informação Geográfica se mostrou muito positiva, pois possibilitou a percepção e análise da distribuição espacial da dança no Território da Serra do Brigadeiro.

Palavras-chave: Espacialização cultural, Dança de Caboclos, Território Serra do Brigadeiro.

ABSTRACT

This research conducted spatial and temporal representation of presentations Caboclos Dance "Folguedo dos Arrepiados" Araponga - MG, from Geographic Information Systems tools in the Territory Serra do Brigadeiro, in the period between 2001 and 2014. The cut temporal analysis was established between 1996 and 2015, during which the group has owned (and still has) the same coordinator. However, due to non-periodic nature of presentations, their cartographic representation only included the period indicated initially (2001-2014). The origin of Caboclos Dance, or Caboclinhos, goes back to Jesuit action in the colonial period in Brazil. This dance is still performed in many states, assuming variations and different connotations. In Araponga this cultural event has been related to the People Originating Puri, historically present in the region, whose descendants are still in the municipalities surrounding the Serra do Brigadeiro. According to members of Caboclos Dance group "Folguedo dos Arrepiados", this event seeks to represent the skills necessary for the formation of a warrior Puri. Thus, this dance is composed of three parts: the Bow and Arrows Dance (referring to the hunt), the Cudgels Dance (representing the fight) and String Dance (which refers to the skill and warrior scroll ability). This demonstration is an important source of reference and identity, both for the city of Araponga, and for the cities surrounding the Serra. The influence of the policies implemented in the Territory Serra do Brigadeiro, from 2003, the Ministry of Agrarian Development resources to the creation of the Culture House "Arrepiados da Serra" in the city of Araponga, enabling the participation of cultural event in question different projects of the municipality; called the event "Terreiros Culturais", focused on the enhancement of the Territory Serra do Brigadeiro culture, the main way that provided the territorial dance beyond the limits of his city of origin. The data for the research was provided by the institutions that had relationship with the dance: the Center for Research and Cultural Promotion Araponga and Cultural Association Sons of Mata (in Leopoldina - MG). From the collection has generated a database containing the locations, dates, events, and occurred supports. The spatial and temporal representations were plotted on TM / Landsat-8 images allowing the generation of two maps of the presentations. They were also generated two tables containing data about the presentations, allowing a greater understanding of the spatial distribution observed in the proposed time frame. The use of Geographic Information Systems proved to be very positive because it allowed the perception and analysis of the spatial distribution of dance in the Territory of the Serra do Brigadeiro.

Keywords: Cultural Spacialization, Caboclos Dance, Land Serra do Brigadeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da localização do Território Serra do Brigadeiro	19
Figura 2 – Registro colonial do Povo Originário Puri.	25
Figura 3 – Cabana dos Puris.	26
Figura 4 – Dança dos Puris.	27
Figura 5 – Arco e Flecha ou Preaca.	36
Figura 6 – Apresentação do Grupo de Caboclinhos na cidade de Recife – PE.	36
Figura 7 – Dança de Caboclos de Araponga – MG.	37
Figura 8 - Grupo de Dança de Caboclos de Araponga na década de 50.	42
Figura 9 - Grupo de Dança de Caboclos de Araponga no ano de 2003.	42
Figura 10 - Dança de Arco e Flechas (Preacas)	44
Figura 11 - Dança de Arco e Flechas. Década de 80.	44
Figura 12 - Dança de Porrete.	45
Figura 13 - Dança de Cordas. Dança de Caboclos em Araponga, década de 50.	45
Figura 14 – Dança de Cordas	46
Figura 15 – Instrumentos utilizados na Dança de Caboclos de Araponga. Década de 80.	47
Figura 16 – Mapa de representação espacial das apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga – MG.	63
Figura 17 – Mapa de representação temporal das apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga – MG.	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Relação de dados coletados sobre as apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” no Território Serra do Brigadeiro.	65
Quadro 2– Acontecimentos relevantes no recorte temporal de 1996 a 2015.	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEFAs	Associação de Escolas Família Agrícolas
BDMG	Banco do Desenvolvimento de Minas Gerais
CBA	Companhia Brasileira de Alumínio
CEDRS	Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável
CEPEC	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga
CONCAR	Comissão Nacional de Cartografia
CTA-ZM	Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
EFA Puris	Escola Família Agrícola Puris
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAMIG	Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
FETAEMG	Federação de Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEF	Instituto Estadual de Florestas
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MinC	Ministério da Cultura
ONG	Organização Não Governamental
PESB	Parque Estadual Serra do Brigadeiro
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais

SALIC	Sistema de Apoio às Leis de Incentivo a Cultura
SDT	Secretaria do Desenvolvimento Territorial
SIG	Sistema de Informações Geográficas
TBC	Turismo de Base Comunitária
TSB	Território Serra do Brigadeiro
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MATERIAL E MÉTODOS	16
3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA	20
4	REVISÃO DE LITERATURA	26
4.1	O Povo Originário Puri	26
4.2	O Movimento de Ressurgência Puri	33
4.3	A Dança de Caboclos	35
4.4	A Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados”	40
4.4.1	Coreografia e significados	43
4.5	Entre Arrepiados, Caboclos e Puris	49
4.6	Território e Territorialidades	51
4.7	Geoprocessamento e Mapeamento Cultural	57
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
6	CONCLUSÃO	73
	REFERÊNCIAS	75
	ANEXO A – Relação de dados coletados para espacialização	81
	ANEXO B - Documento do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC como parte do Conselho Consultivo do Parque Estadual Serra do Brigadeiro	98
	ANEXO C – Matéria do Jornal “Radar de Minas” sobre o convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Araponga e o Centro de Pesquisa E Promoção Cultural de Araponga - CEPEC	100

1 INTRODUÇÃO

As manifestações culturais no Brasil são numerosas, apresentando uma grande riqueza material e simbólica. Podemos perceber uma vasta gama de manifestações que se reproduzem e se reinventam ao longo do tempo, sendo fonte de pertencimento e identidade para sua população.

Trazendo esta reflexão para a Zona da Mata mineira, pode-se notar uma grande diversidade de manifestações culturais como o Congado, Folia de Reis, Mineiro Pau, Charola de São Sebastião, Folia do Divino, dentre outros (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005). Estas fazem parte da história de vida e do cotidiano de muitas pessoas desta mesorregião.

Entre estas manifestações está a Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, do município de Araponga – MG. A Dança de Caboclos, ou Caboclinhos, está presente em diferentes estados do país e possui origem no período colonial, na catequização jesuítica. Ao longo dos anos esta dança foi se diversificando, apresentando características variadas, próprias de cada localidade. Na cidade de Araponga, a Dança de Caboclos é voltada a apresentar o Povo Originário Puri como seu agente principal. Este Povo Originário possui um histórico de massacre e invisibilização durante o período colonial, chegando a ser considerado como dizimado. Contudo, em 2011, com a formação do Movimento de Ressurgência Puri, seus descendentes estão buscando demonstrar que as raízes Puris ainda estão presentes em nossa sociedade.

Neste contexto, a Dança de Caboclos “Folguedo do Arrepiados” assume um importante papel, afirmando a presença da história e da cultura deste povo na Zona da Mata mineira, e no Território da Serra do Brigadeiro. Membro do Movimento de Ressurgência Puri e morador da cidade de Araponga, o senhor Jurandir dos Santos Assis é o atual coordenador do grupo de Dança de Caboclos. Este possui um grande envolvimento com a dança, uma vez que seu pai Eugênio Lopes Assis também já foi coordenador do grupo na década de 1960, permitindo assim o envolvimento de Jurandir com a dança desde criança.

Rodinei Ribas (2010)¹, afirma que a Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” possui mais de 92 anos de ocorrência no município, buscando valorizar a cultura dos descendentes Puris presentes em todo Território da Serra do Brigadeiro.

Este território foi criado a partir de políticas voltadas ao desenvolvimento de territórios predominantemente rurais, comportando uma vasta gama de culturas e diversidades. Sua criação, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, teve como objetivo a promoção do desenvolvimento econômico, social e cultural dos nove municípios pertencentes a este território. Apesar desta iniciativa governamental, vemos que há a necessidade de uma melhor gestão das manifestações culturais deste território.

As ferramentas de Geoprocessamento têm se mostrado como importantes aliadas no processo de compreensão, planejamento e gestão dos assuntos culturais no Brasil. Iniciativas governamentais, de aplicação em âmbito estadual e municipal, têm buscado a aplicação das geotecnologias de modo a obter um panorama das questões de ordem cultural e sua rede de ações, dando subsídios para a implementação de políticas públicas nesta área. O Geoprocessamento aplicado às questões culturais tem permitido a compreensão da espacialização de diferentes iniciativas, e seu alcance na sociedade, possibilitando uma melhor articulação dos agentes culturais em suas ações e uma melhor gestão e apoio por parte de órgãos políticoadministrativos.

O envolvimento com o tema se deu a partir do envolvimento com o Grupo de Estudos Indígenas Povos Originários – GEIPÓ, da Universidade Federal de Viçosa. A partir deste grupo foi possível a compreensão sobre diferentes Povos Originários, bem como o envolvimento com diferentes membros do Movimento de Ressurgência Puri (da cidade de Araponga e do Rio de Janeiro). Este movimento tem buscado reafirmar as raízes e cultura deste Povo Originário, a partir do resgate da língua, músicas e costumes.

Corroborando com esta discussão, a presente pesquisa possui, como objetivo geral, a análise da distribuição espacial da Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados” no recorte temporal de 1996 a 2015. Possui como objetivos específicos, a geração de mapas do Território Serra do Brigadeiro contendo os locais de

¹ Rodinei Ribas é morador do município de Araponga – MG, possuindo envolvimento com a Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados”, tanto participando das apresentações, como em apoio a projetos que visam sua valorização.

reprodução da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”; a compreensão dos fatores que geraram a espacialização observada; e a percepção da influência das políticas implementadas sobre o Território Serra do Brigadeiro na espacialização da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A distribuição espacial da Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados”, da cidade de Araponga – MG, seguirá a metodologia proposta por Soares (2010), cujo estudo promoveu o mapeamento cultural da cidade de Brasília – DF. Deste modo, serão realizadas as devidas modificações para adequar seus procedimentos à escala e objetivos pertinentes à espacialização desta manifestação.

Soares (2010) afirma que para possibilitar a aplicação de uma metodologia voltada ao mapeamento de questões culturais é necessário, anteriormente, analisar os estudos já produzidos. Assim, primeiramente foram observados os estudos já produzidos a respeito do “Folguedo dos Arrepiados”, a partir de uma revisão de literatura, de forma a cumprir esta etapa preliminar e possibilitar a aplicação dos procedimentos metodológicos.

Outro ponto importante é a verificação da “possibilidade adequação dos dados espaciais às normas cartográficas vigentes” (SOARES, 2010, p. 23). Deste modo, esta pesquisa tomará por base o modelo de dados específicos para aplicação no setor cultural, disponibilizado pela Comissão Nacional de Cartografia (CONCAR, 2007).

Partindo de Soares (2010), a metodologia a ser aplicada se dividiu em quatro etapas, que serão descritas a seguir.

A Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” da cidade, de Araponga – MG, é uma importante manifestação cultural, cujas referências ao povo originário Puri se apresentam como fonte de história e identidade para a população (tanto do município, quanto da Zona da Mata mineira). Diante de sua relevância, esta manifestação cultural foi elencada para esta pesquisa. Também foram selecionadas instituições que possuem um histórico de relação com as manifestações culturais de Araponga – MG, podendo conter dados sobre a Dança.

As instituições são:

1. Centro de Pesquisa e Produção Cultural de Araponga – CEPEC;
2. Associação Cultural Sons da Mata (Leopoldina – MG);

3. Escola Família Agrícola – EFA Puris (Araponga – MG);
4. Prefeitura municipal de Araponga – MG;
5. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM.

Deste modo, corroborando com Soares (2010), ficou estabelecida a primeira etapa, que aponta para a necessidade de delimitação do grupo a ser mapeado e suas fontes de coletas de dados.

Como segunda etapa metodológica (SOARES, 2010), partindo das particularidades da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, e seguindo os objetivos desta pesquisa, foram elencadas as informações essenciais que devem ser coletadas para realização do mesmo. Elas são:

1. Data da apresentação;
2. Local de apresentação (inserido no Território da Serra do Brigadeiro) contendo cidade e espaço específico de apresentação;
3. Evento em que ocorreu a apresentação;
4. Possíveis parceiros, apoios e/ou financiamentos diretos ou indiretos obtidos para a apresentação;
5. Natureza do registro coletado (fotografia, ofício, material de divulgação, etc.).

Os dados observados devem atender ao recorte temporal do ano de 1996 a 2015. Este recorte será utilizado, pois abrange um período de quase 20 anos, permitindo uma melhor leitura da espacialização da dança, bem como a percepção desta espacialidade antes e após a homologação do Território Rural da Serra do Brigadeiro em 2003. Este território foi criado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário, a partir do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais – PRONAT (FREITAS, 2015). Outro ponto importante que foi considerado para a delimitação temporal é a ausência de coordenador e de apresentações entre os anos de 1990 e 1995². Em 1996 Jurandir dos Santos Assis³

² Segundo Rodinei Ribas (2010). Disponível em: < <http://colibridourado1.blogspot.com.br/2010/03/minha-tribo.html> >.

³ Jurandir dos Santos Assis, morador de Araponga, filho de Eugênio Lopes Assis (coordenador da dança na década de 60).

assumiu a coordenação do grupo e permanece nesta posição até os dias atuais. Deste modo, neste recorte 1996 – 2015 espera-se obter um conjunto de dados mais consistentes e adequados à pesquisa pretendida.

Nesta segunda etapa a realização da coleta dos dados especificados, foi realizada a partir da exploração de documentos e registros disponibilizados, tanto pelo grupo Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, quanto pelas instituições que foram estabelecidas anteriormente.

Serão consideradas fontes de dados:

1. Registros fotográficos;
2. Ofícios que atestem a participação do grupo em eventos;
3. Convites direcionados ao grupo;
4. Matérias em jornais e revistas;
5. Material de divulgação do evento;
6. Sites ligados às instituições envolvidas;
7. Sites oficiais.

Esta forma de coleta consistiu em uma estratégia para adequar o mapeamento às especificidades do grupo. Ainda que se tenha estabelecido um recorte temporal contínuo (1996 – 2015) e originalmente a Dança de Caboclos fosse realizada no dia 20 do mês de janeiro (GIOVANNINI JÚNIOR, 2006), as apresentações não seguem uma regularidade ou data específica. Deste modo, foi observado que esta seria a forma metodológica mais adequada para compreender a distribuição espacial das apresentações. A utilização de documentação e registros de dados também permite observar se ocorre, por parte do grupo e das instituições, a organização e sistematização das apresentações ao longo dos anos.

Os dados considerados como apoio serão:

1. Apoio (financeiro ou logístico) direto ao grupo;

2. Instituições parceiras ao grupo;
3. Instituições responsáveis pela realização do evento em questão;
4. Instituições parceiras aos eventos;
5. Instituições financiadoras dos eventos.

A terceira etapa consistiu, a partir de Soares (2010), na tabulação dos dados e na localização dos pontos referentes às apresentações. Estes locais foram georreferenciados por meio do uso do instrumento GPS 62s Garmin®. Após este procedimento, de acordo com Soares (2010) e Braga (2014), foi elaborado um banco de dados (*Geodatabase*). Este banco será criado a partir das interfaces presentes no *Arc Catalog*, *Arc Toolbox*, *Arc View* e *Arc Gis 10.3*®.

Como quarta e última etapa, foram elaborados mapas temáticos a partir do banco de dados gerado. Utilizando o software para sistemas de informações geográficas *Arc Gis 10.3*® e imagens de satélites oferecidas pelo TM/Landsat – 8, do dia 11 de outubro de 2015, composta pelas bandas *Red*, *Green*, *Blue* e Pancromática, sendo a composição de bandas feita pela ferramenta “*Composite Bands*” no *Arc Toolbox*, obtendo uma resolução espacial de 15 metros. A partir dos dados citados anteriormente, foram elaborados dois mapas temáticos que contêm os dados gerados e que permitem a compreensão da espacialidade da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” no recorte espaço-temporal especificado. Também foram geradas duas tabelas, uma contendo os acontecimentos relevantes referentes à Dança de Caboclos no período de 1996 a 2015 e outra contendo a relação de dados coletados referentes às apresentações (data, município, local, evento e apoio).

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

A área de pesquisa a ser analisada é o Território da Serra do Brigadeiro – TSB, formado pelos municípios de Araponga, Muriaé, Ervália, Divino, Sericita, Miradouro, Pedra Bonita, Rosário da Limeira e Fervedouro. Segundo Fávero (2006), este território foi homologado em 2003, pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável – CEDRS, da Secretaria do Desenvolvimento Territorial – SDT, do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. Podemos observar, abaixo, o mapa de localização do Território Serra do Brigadeiro.

Mapa de localização do Território Serra do Brigadeiro

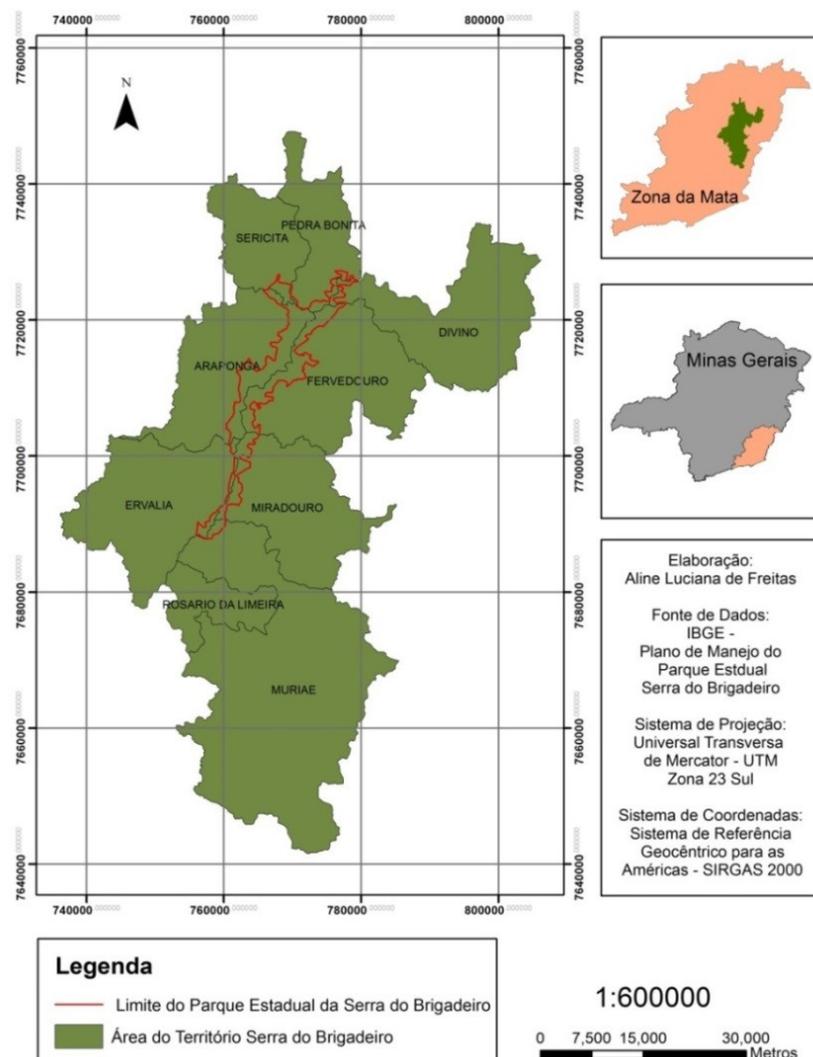


Figura 1- Mapa de Localização do Território Serra do Brigadeiro – TSB.
Fonte: Elaborado pelo autor.

O Território Serra do Brigadeiro está localizado entre as coordenadas 20°31'14" e 21°07'50" latitude Sul, e 42°08'55" e 42°39'56" longitude Oeste. Segundo dados fornecidos pelo IBGE (Censo 2010), o território possui uma área de 2.951,202 km² e população total de 184.644 habitantes. Sendo 134.788 habitantes nas áreas urbanas e 49.856 habitantes nas áreas rurais. Os municípios que compõem o Território Serra do Brigadeiro possuem densidades demográficas que variam entre 11,51 hab/km² (Divino) a 50,20 hab/km² (Ervália). Diferencia-se desta variação o município de Muriaé, com densidade demográfica de 119, 72 hab/km². Seus municípios possuem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) variando entre 0, 536 (Araponga) e 0, 734 (Muriaé). Podemos observar que os municípios em questão possuem uma expressiva área rural, que se apresenta superior em termos territoriais, às áreas urbanas.

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira - CTA-ZM (2004) afirma que a economia do território é voltada predominantemente para agricultura (principalmente café) e serviços. Apenas o município de Muriaé possui predominância no setor industrial e de serviços. Podemos notar também a ação de mineradoras neste território.

Segundo Praça (2009), a empresa de siderurgia Belgo Mineira foi responsável por grande retirada de vegetação da Serra do Brigadeiro, entre 1950 e fins de 1960, para abastecimento de altos-fornos. Este trabalho de corte e retirada da madeira, segundo o autor, era realizada por mão-de-obra local absorvida pelo empreendimento. Ainda observam-se empresas de Mineração nos municípios do Território Serra do Brigadeiro. Destacam as ações da Companhia Brasileira de Alumínio – CBA, do Grupo Votorantim, que em meados de 2000, incorporou os negócios da Mineração Rio Pomba (pertencente às Indústrias Químicas Cataguases), localizadas na Zona da Mata⁴. No território podemos notar iniciativas desta empresa⁵, elas são: “Projeto Mirai – Instalação de Beneficiamento de Bauxita” (Muriaé, Miradouro, Fervedouro e Rosário de Limeira) (TC 23/03/2006), Companhia Brasileira de Alumínio – CBA; e Empreendimento “Lavra a céu aberto sem beneficiamento ou com cominuição a seco – exploração de bauxita” (em Muriaé e demais municípios que não fazem parte do TSB: Guiricema, Descoberto, Itamarati

⁴ Informações disponíveis em: <http://www.minerios.com.br/EdicoesInt/313/9/A_maior_fabrica_integrada_de_aluminio.aspx>.

⁵ Termos de compromisso firmados. Informações disponíveis em: <<http://www.ief.mg.gov.br/component/content/article/1271>>.

de Minas, Astolfo Dutra, Leopoldina e Mirafí) (TC 01/02/2011), Companhia Brasileira de Alumínio – CBA.

O Território Serra do Brigadeiro também possui um potencial turístico voltado principalmente ao ecoturismo, relacionado diretamente ao Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Podemos observar diferentes iniciativas que visam à utilização deste potencial para a geração de renda local, buscando articular a agricultura familiar, produção cafeeira e aspectos ambientais. Dentre estas iniciativas estão: Circuito Turístico Serras de Minas⁶, Circuito Turístico Serra do Brigadeiro⁷, Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro e Associação dos Condutores Ambientais da Serra dos Arrepiados. Também se pode perceber um grande potencial voltado ao turismo cultural. Giovannini Júnior (2005), a partir do mapeamento dos folguedos da Zona da Mata mineira, apresenta-nos as manifestações presentes no Território. Estas não ocorrem necessariamente todo ano, mas foram registradas como presentes na cultura dos municípios. Em Araponga foi observado a presença da Dança de Caboclos, Encomendação das Almas, Folia de Reis e de São Sebastião; em Miradouro, a Folia de Reis e Blocos do Boi; em Muriaé, Folia de Reis, Charola de Nosso Senhor dos Passos, Folia de Reis e de São Sebastião; em Ervália há a presença de Folia ou Charola de São Sebastião. Segundo Giovannini Júnior (2005), estas manifestações são apresentadas em diferentes épocas do ano, em eventos religiosos e laicos (ver Anexo D).

O Território da Serra do Brigadeiro possui como vegetação original predominante a Floresta Atlântica (Floresta Estacional Semidecidual), que se caracteriza pela dupla estacionalidade, e pela perda de 20 a 50% de sua folhagem. Em áreas de maior altitude (superior a 1.600 metros) há a presença da vegetação de Campos de Altitude (CTA-ZM, 2004).

Sá Júnior (2005) afirma, a partir da classificação climática de Köppen, que o clima predominante nos municípios de Araponga, Ervália, Divino, Fervedouro, Miradouro, Pedra Bonita, Rosário da Limeira e Sericita é o Temperado úmido, com inverno seco e verão moderadamente frio (este clima corresponde à classificação Cwb). Segundo esta classificação, Sá Júnior (2005) afirma que as características

⁶ Serras de Minas. Disponível em: < <http://www.serrasdeminas.org.br/roteiro.php>>

⁷ Circuito Turístico Serra do Brigadeiro. Disponível em: <<http://ctserradobrigadeiro.blogspot.com.br/p/circuito-turistico-serra-do-brigadeiro.html>>.

mais marcantes nestes municípios são: temperatura do mês mais frio em torno de -3°C e 18°C; invernos secos com pouca precipitação (sendo esta inferior a 60 mm em pelo menos um mês do inverno); verões moderadamente quentes, cuja temperatura do mês mais quente é inferior a 20°C. Já a cidade de Muriaé, a partir deste método de classificação, apresenta temperatura média em qualquer mês do ano é superior a 18°C, apresentando inverno seco em que a precipitação é inferior a 60 mm, em pelo menos, um mês (correspondendo à designação Aw, na classificação de Köppen). (SÁ JÚNIOR, 2005).

No interior desta área também se localiza a Serra do Brigadeiro. Segundo a Secretaria do Desenvolvimento Territorial, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2006), o relevo desta serra é fortemente acidentado no sentido norte/sul, configurando-se numa barreira natural entre os municípios que estão dispostos nas porções leste/oeste do território. A Serra do Brigadeiro possui uma extensa rede de drenagem e também atua como divisor de águas das bacias hidrográficas do Rio Doce e do Rio Paraíba do Sul, segundo o Atlas Digital das Águas de Minas Gerais⁸.

Esta serra está inserida na unidade de conservação Parque Estadual Serra do Brigadeiro - PESB. Segundo o Instituto Estadual de Florestas – IEF⁹, o parque foi criado em 1996, a partir do Decreto nº 38.319. Sua área corresponde a 14.984 ha e contém uma grande diversidade de espécies animais e vegetais, sendo que algumas estão ameaçadas de extinção, como por exemplo, o mono carvoeiro. O processo de criação do Parque envolveu diferentes agentes (sindicato dos trabalhadores rurais, agricultores familiares, Organizações Não Governamentais - ONG's, administrações municipais, Universidade Federal de Viçosa, setores progressistas da igreja católica) e apresentou uma ampla participação popular, voltada principalmente para a não desapropriação dos moradores do entorno (CTA-ZM, 2004). Deste modo, a partir do envolvimento da população local o PESB, ao longo dos anos, passou a ser o elemento de coesão e identidade para os municípios do entorno (FREITAS, 2015).

Assim, o PESB se tornou referência para a criação do Território Rural Serra do Brigadeiro. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, os territórios deste programa devem se configurar num:

⁸ Atlas Digital das águas de Minas Gerais: < <http://www.atlasdasaguas.ufv.br/> >.

⁹ Dados obtidos no site oficial do Instituto Nacional de Florestas – IEF. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/component/content/197?task=view>>.

[...] espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população, com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial (BRASIL, 2005a, p. 28).

Embora Rosário da Limeira não possua parte de seu território no Parque, seu histórico sindical e sua proximidade com os demais municípios permitiram que esta se inserisse no Território Serra do Brigadeiro (FREITAS, 2015).

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, o Território Serra do Brigadeiro insere-se no Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT, cujo objetivo é contribuir para o desenvolvimento social e econômico dos territórios homologados a partir do “fortalecimento da Gestão Social, fortalecimento das Redes Sociais de Cooperação, dinamização econômica nos Territórios Rurais e Articulação de Políticas Públicas”¹⁰. Este estímulo, foi estabelecido a partir de grandes eixos, são eles: Preservação e Recuperação do Meio Ambiente, Turismo Rural, Agricultura Familiar Diversificada, Agroindústria Familiar e Artesanato e Cultura (CTA-ZM, 2004).

Freitas (2015) afirma que, com a homologação do Território da Serra do Brigadeiro, o desenvolvimento passou a ser discutido e gerido por sujeitos da sociedade civil e instituições públicas a partir da criação do Colegiado de Desenvolvimento Territorial. O Colegiado Territorial do TSB é composto por:

[...] um representante de cada uma das nove prefeituras e dos STRs dos municípios da área de abrangência do TSB; os representantes das seguintes entidades públicas: Emater, Epamig, IEF e UFV; e os representantes de organizações da sociedade civil: a Associação Escola Família Agrícola (AEFA), representando as Escolas Famílias Agrícolas do território; a Associação Regional; o Ceifar, a ONG Centro de Promoção Cultural (Cepec); o CTA; o Iracambi, ONG de Rosário da Limeira que se dedica às questões ambientais, e, por fim, a Fetaemg, que não tem atuação direta no território. (FREITAS, 2015, p.126)

A partir do Colegiado Territorial define-se o apoio aos projetos e a alocação dos recursos da política. Assim, o Ministério do Desenvolvimento Territorial destina o

¹⁰ Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria do Desenvolvimento Territorial. Áreas de Resultado. Disponível em: < <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/sdt/%C3%A1reas-de-resultado> > .

recurso ao território e o Colegiado se encarrega de definir quais projetos serão financiados por esta política (FREITAS, 2015). Deste modo, podemos perceber que esta iniciativa do MDA, a partir do Colegiado Territorial busca o envolvimento de diferentes grupos sociais na gestão deste território.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 O Povo Originário Puri

A história e a espacialidade do Povo Originário Puri serão brevemente sistematizadas, baseadas em estudos referentes às crônicas, relatos e documentos do período colonial. Serão tomadas como premissas, acerca das hipóteses sobre a família e filiação linguística do Povo Originário Puri, as autodeclarações¹¹ dos Puris envolvidos no Movimento de Ressurgência, presentes tanto em pesquisas como em blogs e redes sociais que visam divulgar a cultura e valorizar a identidade deste povo.



Figura 2 - Registro colonial do Povo Originário Puri.

Fonte: Johann Moritz Rugendas, 1835. Viagem pitoresca através do Brasil.

¹¹ Segundo a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, a autodeclaração é uma forma de afirmação da identidade indígena. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>>

Corroborando com o direcionamento da Associação Indígena Puri¹², Aguiar (2010) sugere o pertencimento deste povo ao Tronco Linguístico Macro-jê. Este Tronco Linguístico possui famílias linguísticas (subdivisões) distintas e seus povos apresentam uma espacialização ampla, que compreende desde o norte paulista até a Bahia. São exemplos do Tronco Linguístico Macro-Jê os povos: Krenak, Pataxó, Maxacali, Coroado, Coropó, Puri, Fulniô, Kamakã, etc. Já a Família linguística Puri (Puki), além de compreender este povo representado na Figura 2, engloba também os Coroados (Croato) e os Coropós (Cropó).

Segundo Prezias (2000), o Povo Originário Puri era portador de uma cultura nômade baseada na caça e na coleta. Suas habitações eram bastante simples, coerentes com sua frequente movimentação pelo espaço. Abaixo podemos observar uma representação de suas habitações, retratada por D'Orbigny (1834) na Figura 3.



Figura 3 - Cabana dos Puris.

Fonte: D'Orbigny (1834). Viagem pitoresca às duas Américas.

Foram relatadas também algumas danças realizadas para celebrar diferentes momentos. Segundo Lemos (2015), o antropólogo Phillippe Rey, no final do século

¹²Fonte de acesso a Associação Indígena Puri, disponível em:
<<https://www.facebook.com/OeahOrganizacaoEgideDeAjudaHumanitaria?fref=ts>>.

XIX em Minas Gerais, registrou uma dança cerimonial relacionada à primeira menstruação de uma menina Puri, confirmando sua passagem da fase infantil para a adulta. Conforme registrado, os parentes da jovem dançavam em frente sua cabana durante as noites em que ocorria a cerimônia. É possível concluir, através do relato, que esta dança não era executada por todos da aldeia, nem mesmo pela pessoa central da cerimônia.

Contudo o Lemos (2015, p.10) afirma que em relação aos Puris, assim como os outros povos, “as danças diferem a partir dos eventos para comemorar”, corroborando com a ideia de que havia muitas danças e muitos elementos da cosmovisão Puri que não foram registrados pelos estudiosos europeus, por diferentes motivos.



Figura 4 - Dança dos Puris.

Fonte: Johann Moritz Rugendas, 1835. Viagem pitoresca através do Brasil.

Rugendas (1835) apresentou a música que os Puris cantavam quando ocorria uma vitória contra seus inimigos: “Assim, por exemplo, os pasuris [Puris] celebraram uma festa assim após um combate feliz contra os botocudos, em que repetiam constantemente a frase: “Ho, ho! Bugre ita najy” (Ho, ho! Botocudo está vencido)” (RUGENDAS, 1835, p.14). Esta dança pode ser observada na Figura 4. O

termo Bugre, não se refere a um grupo específico, mas se constitui num termo pejorativo de origem europeia utilizado para desvalorizar os povos nativos. A tradução de Rugendas aponta para termo Botocudo que se refere também a uma generalização feita aos povos que possuíam adereços de madeiras nos lábios e outras partes do rosto. Aguiar (2010) também afirma sobre a rivalidade entre diferentes povos, entre eles Puris e Botocudos. Contudo, o autor aponta a antiga rivalidade Puris e Coroados, assim esta música poderia ser utilizada em momentos voltados a estes conflitos também.

Segundo Rugendas (1835) a música entoada era acompanhada de uma dança circular (Figura 4) que envolvia todos os Puris (mulheres, homens e crianças), num ritmo lento que se agitava no decorrer do tempo.

Os componentes da mesma tribo são convocados por intermédio de um instrumento de sopro [...] às vezes substituído por um chifre de boi; a chica embriagante, em breve, os anima para uma alegria um tanto melancólica, que tem a sua expressão num cantar monótono e na dança; ambos, porém são excessivamente rudes e uniformes. Para a dança colocam-se todos em roda cuja linha interior é formada pelos homens, atrás destes ficando as mulheres e atrás das mulheres ficando as crianças, sendo que a maior abraça a mãe, encostando-se fortemente, enquanto sucessivamente a criança menor repete a posição atrás da maior. Nesta ordem, movem-se todos devagar ao redor de um fogo aceso, dando um pequeno passo pra frente e outro pra trás, de maneira que só muito vagarosamente saem do mesmo lugar. Tendo assim andado mais ou menos a quarta parte do círculo, de costas correm apressadamente para o lugar inicial, recomeçando o mesmo movimento. Andando desta forma, balançam ao mesmo tempo e devagar o corpo de um lado para o outro, segurando-se todos com os braços, sendo que as mãos se fecham sobre a barriga do índio da frente. Esta dança, se podemos chamá-la assim, acompanham com um canto monótono e berrante em que repetem constantemente algumas palavras e exclamações. O sentido destas palavras difere conforme o ensejo da festa. (RUGENDAS, 1835, p. 14)

Quanto a distribuição espacial do Povo Originário, Nunes (2013) apresentou relatos do corsário inglês Antony Knivet apontam a presença de índios Puris na região do vale do Rio Paraíba do Sul (rio que banha os estados brasileiros de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), na porção que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro e no vale do Rio Paraíba (Minas Gerais).

Ribeiro (1982) afirma que o etnólogo Nimuendaju, em sua obra, mostrou os Puris próximos à nascente do rio Paraíba do Sul, na área que hoje é o estado de São Paulo. Estes registros datam de 1597 e 1645. O próximo registro se apresenta na divisão entre os estados de São Paulo e Minas Gerais e datam o ano de 1800.

Em sua obra também registra os Puris na região do interior do Espírito Santo, datando 1831. Apresentando referência ao ano de 1849, Nimuendaju aponta a presença dos Puris perto da nascente do Rio Doce, além de uma incidência que se estende nesta região, partindo da província de Minas Gerais e atingindo até metade da província do Rio de Janeiro. O ano de 1886 é relacionado à presença do Povo Originário Puri na nascente do rio Manhuaçu, na porção do Médio Rio Doce e também na divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo (RIBEIRO, 1982).

Segundo Neto & Maciel (2008), a Companhia de Jesus, criada em 1540, obteve bastante expressividade na colônia portuguesa no processo de catequização e aculturação dos Povos Originários. Padre Anchieta instituiu grande processo de aldeamento e catequização do Povo Puri no território que corresponde hoje ao estado do Espírito Santo, sendo a base de fundação de muitas cidades, por exemplo, Anchieta e Piúma. Pode-se perceber que, diferentemente do Mapa de Nimuendaju, suas ações na época datada estão na área litorânea do estado capixaba, mostrando-nos uma espacialização maior deste povo no território do que esta cartografia nos apresenta.

Os estudos de Lemos (2014) também nos fornecem a localização de grupos Puris entre 1797 e 1885. Podemos perceber que neste período este povo estava presente na capitania de São Paulo, próximo à divisa com o Rio de Janeiro e no vale do Paraíba do Sul; na Zona da Mata da Capitania de Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, apontando sua presença litorânea nesta capitania. Deste modo o autor corrobora com os demais estudos e registros que apontam para a presença dos Puris pelo vale do Paraíba do Sul e seus afluentes e nos afluentes do Rio Doce, em sua atividade nômade e também nos aldeamentos construídos pela corte portuguesa.

Podemos também perceber que há uma grande quantidade de registros sobre os Povos Puris a partir do período oitocentista, na região da Zona da Mata mineira e no território fluminense. Isso se deve ao período aurífero nas áreas de extração em Minas Gerais e ao seu transporte até o litoral do Rio de Janeiro para o envio à metrópole. Nas últimas décadas do século XVII a atividade mineradora na comarca Vila Rica, na Capitania de Minas Gerais, atraiu o interesse da Coroa Portuguesa e gerou um grande fluxo migratório a esta área. Esta nova dinâmica trouxe grandes mudanças para os Povos Originários. Prisões, aldeamentos, conflitos e usurpação

de terras se intensificaram com o início de Ciclo do Ouro em Minas Gerais, e não diminuíram com o seu declínio e inserção de café na região.

Segundo Soares (2009), a atual Zona da Mata mineira (e parte do vale do Rio Doce) correspondia à área a sudeste das áreas mineradoras, constituída por uma densa floresta (Mata Atlântica) que foi protegida para evitar desvios e contrabandos do ouro e outros metais preciosos extraídos das minas. Esta área ficou conhecida como Sertões do Leste ou “Zonas Proibidas”, cujas características difundidas pela Coroa Portuguesa eram de uma natureza inóspita, de difícil povoamento e “povos indígenas hostis”. Esta área correspondia ao território onde vivia grande parte dos Povos Originários Puri, Coroado e Coropó.

Embora a Coroa Portuguesa proibisse o povoamento desta região, criou presídios em locais que considerava oportuno, visando o controle deste território. Segundo Soares (2010), o termo presídios durante o século XVIII não possuía a mesma conotação atual, uma vez que consistiam em bases militares da coroa portuguesa voltadas ao desbravamento oficial dos sertões. Estes se estabeleciam em pontos distantes no interior da mata, sendo grande ponto de apoio para conhecimento e domínio deste espaço. Deste modo, os presídios possuíam a função de conhecimento e apropriação de novas áreas, contenção de contrabandos das minas e aldeamento indígena. Os aldeamentos consistiam na imposição colonial sobre os povos nativos, levando-os a abrir mão de seu nomadismo, sua atividade de coleta e caça, bem como a redução desta população a um espaço ínfimo, de modo que o restante fosse usurpado pela coroa e colonos.

A partir de estudos de Stephan et. al. (2012), podemos relacionar alguns presídios como o de Rio Pardo (hoje, Argirita), que em 1814 possuía um contingente de 500 Puris aldeados; o de Brejo de Santo Antônio (atual Mirai), cujo número de Puris não foi mencionado, assim como o de São Paulo do Manuelburgo e o Presídio de Arrepiados¹³. Também em 1814, em São João Batista do Presídio (atual cidade de Visconde do Rio Branco), Aguiar (2010) apontou para o contingente de povos já aldeados que contavam cerca de 2000 Coroados e 500 Puris. Esta fixação destes povos em apenas um local gerava grandes problemas como: a exposição a epidemias, a dependência de provimento da Coroa Portuguesa, a vulnerabilidade frente a ataques dos colonos, etc. Aguiar (2010, p. 202) afirma que:

¹³ Área correspondente à cidade de Araponga – MG.

Reduzir os índios era reduzir seu espaço vital a um pequeno pedaço de terra, restrito a famílias particularizadas, em oposição ao espírito coletivo inspirado pela ideia de aldeia. O restante do território seria ocupado por “gente civilizada” em busca de sobrevivência, dado em prêmio aos gentis homens da corte ou ofertando a algum plebeu digno de nota por seus esforços ou posses. Para estes últimos, uma vez recebida a terra, os índios passavam a representar o maior incômodo obstáculo.

Muitos confrontos entre Povos Originários distintos, bem como entre estes, colonos e a administração colonial foram frequentes neste período. Este processo de ocupação das terras e conflito entre povos inimigos, colonos e Coroa repercutiu num grande desgaste e considerável decréscimo da população originária na Zona da Mata.

Com o declínio da extração aurífera as áreas correspondentes aos Sertões do Leste foram amplamente liberadas para a ocupação. Já em 1855, Soares (2009, p.16) afirma que esta região se encontrava repleta de vilas, povoados, fazendas, freguesias e caminhos que se iniciavam desde a região mineradora e Caminho Velho, até as áreas mais interiores da Zona da Mata. A ascensão da produção cafeeira foi concomitante ao declínio aurífero, resultando em outro fator de pressão sobre os Povos Originários, que procuravam se estabelecer neste novo modelo de sociedade que se formara ou se deslocar para áreas mais distantes.

Em Barbosa (2005) podemos observar o deslocamento dos Puris com finalidade de refúgio, para a região que hoje abarca o Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Oliveira (2011) corrobora para o fato da fuga dos Puris para áreas mais distantes, procurando se apartar do crescimento demográfico e modificações no espaço e nos modos de vida da região. A área correspondente ao Parque possui maiores altitudes em relação ao relevo da região, apresentando grandes afloramentos rochosos e picos como os do o do Soares (1.985 metros de altitude), o Campestre (1.908 m), o do Grama (1.899 m) e o do Boné (1.870 m), além de ser composta por vegetação de Mata Atlântica, o que permitiria maior distanciamento em relação às áreas colonizadas.

É importante ressaltar que a distribuição espacial do Povo Puri, bem como os demais Povos Originários, sempre buscou seguir o direcionamento dos rios e as formações de relevo que mais se adequavam às suas necessidades de sobrevivência. A sua presença inicial próxima a área litorânea (cujo relevo é menos acidentado) e posterior interiorização no território, buscando áreas mais íngremes e

de difícil acesso, revelam a sua íntima relação com a natureza, e sua utilização como fonte de resistência às adversidades de seu tempo.

Barbosa (2005) nos atenta para a suposta dizimação dos povos originários, principalmente os Puris, na região do vale do Paraíba do Sul e áreas da Zona da Mata mineira. Isso decorre não apenas por sua mortandade, mas também pela não inclusão dos remanescentes em documentos oficiais, considerando-os “misturados”, inseridos na população como um todo.

Assim, nas últimas décadas do século XIX, foi declarada oficialmente a dizimação dos Puris, sem considerar todos os que ainda estavam refugiados em locais longínquos e aqueles que estavam presentes e silenciados por toda a sociedade.

4.2 O Movimento de Ressurgência Puri

O termo “ressurgência” é empregado pela Geomorfologia para denominar o fenômeno que ocorre em relevos cársticos cujos rios subterrâneos afloram sobre a superfície, fazendo ressurgir as águas que, em outros locais, havia tornado subterrâneos por meio dos sumidouros (PILÓ, 2000). Porém, nesta análise este termo será utilizado em seu sentido conotativo, uma vez que se refere ao movimento de reafirmação identitária denominado “Movimento de Ressurgência Puri”.

O processo de Ressurgência Puri se tornou público a partir de 1996, quando foi decretada a criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, que institucionalizou uma área correspondente a uma porção mineira da Serra da Mantiqueira, que faz parte do território de oito municípios (Araponga, Divino, Muriaé, Sericita, Fervedouro, Miradouro, Ervália e Pedra Bonita). Segundo Barbosa (2005) as negociações e o envolvimento popular foram decisivos para a composição deste Parque. O envolvimento local possibilitou que os pequenos agricultores não fossem atingidos, nem desapropriados, além de trazer para o conhecimento público algo que já se fortalecia em âmbito local: a identidade Puri. Barbosa (2005) afirma que as ações de participação popular nas negociações com as instituições responsáveis pelo Parque revigoraram toda uma memória e identidade que já vinha se fortalecendo. Este sentimento pode ser representado nas falas dos membros envolvidos em diferentes

processos voltados à autonomia e a conquista de direitos, como “Sempre estivemos aqui, somos nós que protegemos essas matas, nós somos os Puri” (BARBOSA, 2005, p.123).

A partir desta maior visibilidade pode-se tomar conhecimento, além da escala local, de uma série de ações que visavam direitos políticos e sociais tendo por base a afirmação da identidade Puri.

Uma destas ações é a “Conquista Conjunta de Terras”, modo de compra de pequenas propriedades rurais, que permitem ao pequeno(a) agricultor(a) ter acesso à terra a partir de um acordo de empréstimo conjunto sem as burocracias e impedimentos encontrados num banco, e onde o valor é revertido sem juros. Os acordos se baseavam inicialmente em laços familiares, e posteriormente a partir de laços de confiança e necessidade. Segundo Campos (2007), a primeira compra conjunta de terra foi realizada entre 1977 e 1978 pelos irmãos Lopes: Alfires (Seu Fizim), Aibes (Seu Bibim) e Niuton (Seu Neném). Uma importante conquista foi a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga em 1989. A sua criação possibilitou a ampliação da compra conjunta, e segundo Campos e Mendes (2011, p.16) em 2010 a “Conquista conjunta de Terras” chegou a atender 161 famílias, ocupando uma área referente a 702, 3 ha.

Outra importante ação ocorreu em 2001. Após mais uma compra em conjunto, parte da terra foi destinada a criação da Escola Família Agrícola EFA Puris, cujos idealizadores eram os mesmos envolvidos na “Conquista Conjunta de Terras” e na formação do sindicato. Esta escola tem como base, além da Agroecologia, e a valorização do povo do campo, o resgate das raízes Puris presentes na população do município.

Com maior visibilidade também puderam perceber a afirmação desta identidade a partir de algumas pessoas naturais de cidades do Rio de Janeiro (Maricá, São Fidelis, Resende e na própria capital), que buscavam os mesmos objetivos de valorização identitária, bem como a luta por direitos políticos e sociais. A inserção de Dauá Puri (RJ) como aluno da Educação do Campo, na Universidade Federal de Viçosa, e posteriormente também da aluna Opeh Sol Puri (RJ), permitiram maior articulação entre Araponga, Viçosa e Rio de Janeiro.

Assim formou-se o Grupo Puri, e em 2013, foi institucionalizado o Movimento de Ressurgência Puri¹⁴. Possuindo como membros Niuton Lopes, Jurandir dos Santos Assis (Jurandir Puri), dentre outros residentes em Araponga, e Dauá Puri, Zélia Puri e Opeh Sol Puri, residentes em diferentes localidades do estado Rio de Janeiro, além de colaboradores que se interessam pela causa.

4.3 A Dança de Caboclos

Podemos observar a presença da Dança de Caboclos, também chamada de Caboclinhos, em diferentes estados do Brasil. Oliveira (2014) nos atenta para sua presença nos estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia. Santos (2007), afirma a sua presença na região Nordeste e Sudeste, com ênfase na cidade de Recife, no estado de Pernambuco. Giovannini Júnior (2005), realizando o mapeamento dos diversos folguedos da Zona da Mata mineira, constatou a presença da Dança de Caboclos em quatro localidades, sendo estas: Araponga, Cajuri, Santana do Manhuaçu e Simonésia. Também afirmou sua presença na mesorregião do Jequitinhonha, em Diamantina e Serro, e no oeste mineiro.

A Dança de Caboclos, segundo Santos (2007), possui origem no período colonial. Segundo o autor, esta dança foi introduzida pelas missões jesuíticas, com o objetivo de envolver os Povos Originários nas doutrinas e ordenamentos da Igreja. Corroborando com o autor, Giovannini Júnior (2005) afirma que nos aldeamentos jesuíticos, já nas primeiras décadas de colonização, eram organizados cortejos ligados à Igreja Católica, semelhantes aos realizados na Europa medieval, nas quais incluíam os povos originários aldeados como forma de catequização e reforço no processo de aculturação. Porém, como estratégia, os missionários permitiam a inserção de elementos destes povos nas apresentações, de modo que estes se sentissem mais inseridos no festejo e se distanciassem gradualmente de suas cosmologias.

Santos (2007), em seu estudo, aponta a presença de registros desta dança no ano de 1584, realizados pelo Padre Fernão Cardim. Este, ao visitar um

¹⁴ Modelo do documento de institucionalização do Movimento.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/453489321359810/745534178821988/>>.

aldeamento jesuítico na cidade de Ilhéus, é recebido pelos povos originários catequisados com uma dança que remete a Dança de Caboclos realizada atualmente.

Foi o padre recebido dos índios com uma dança mui graciosa de meninos todos empenados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas penas, que os fazia mui lutosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas [...] (CARDIM, 1925, p. 297).

Em outra passagem, o Padre Fernão Cardim registra outro momento que os indígenas catequisados apresentam danças próximos á Igreja:

Os portugueses têm muita escravaria destes índios cristãos. Têm eles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quiseram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos á portuguesa, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principais se confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracóis, abrindo e fechando com graça por serem mui ligeiros [...] (CARDIM, 1925, p. 342-343).

Giovannini Júnior (2005), ainda afirma que na Capitania de Minas Gerais, no fim do século XVIII, na região aurífera, a igreja realizava procissões (assim como na Europa) para reafirmar seu poder, e incluía elementos da cultura africana e da cultura ameríndia. Podemos perceber que a Dança de Caboclos, ou Caboclinhos, foi criada e incorporada no país desde muito cedo, inserindo também diferentes elementos, advindos das matrizes africanas e religiosidades afro-brasileiras. A sua presença atualmente em diferentes partes do território brasileiro, permite-nos observar a forte atuação colonizadora das ações Jesuíticas.

Embora ainda mantenha muitas características em comum, a dança, ao logo do tempo adquiriu variações quanto a sua performance, quanto os seus adornos. Como fatores comuns podemos destacar a vestimenta e o uso do arco e flecha (também chamado de Preaca). Segundo Azevedo & Sena (2011), a preaca é utilizada para realizar a marcação da dança (Figura 5). Esta é formada por um arco e flecha ligados por um material elástico, que permite à flecha atravessar parcialmente o furo do arco e realizar uma batida, gerando o som característico.



Figura 5 - Arco e Flecha ou Preaca

Fonte: Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC.

A vestimenta e a preaca utilizadas remetem aos Povos Originários. Estes adereços variam, podendo apresentar aspectos mais rebuscados e carnavalescos (como no Recife - PE), ou mais simples, como na Zona da Mata mineira. Esta variação pode ser percebida nas Figuras 6 e 7.

Na cidade do Recife, a dança apresenta uma grande relação com o carnaval e com a Umbanda e a Jurema (culto de raízes afro-indígenas) (AZEVEDO & SENA, 2011). Nas cidades da Zona da Mata mineira, podemos perceber a ligação de algumas às datas religiosas católicas, como dia de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005).



Figura 6 - Apresentação do Grupo de Caboclinhos. na cidade de Recife – PE.
Fonte: Prefeitura do Recife Oficial, Flickr.



Figura 7 - Dança de Caboclos de Araponga - MG.

Fonte: Centro de Pesquisa e Promoção Cultural - CEPEC.

Podemos também observar a variedade de instrumentos utilizados nos diferentes grupos de Dança de Caboclos, refletindo a influência das diferentes matrizes culturais (europeia, africana e indígena) ao longo da história. Segundo Santos (2007), Giovannini Júnior (2005) e Azevedo & Sena (2011), há a presença de diferentes instrumentos de marcação nas apresentações em diferentes localidades. Na região Nordeste há a presença de instrumentos de sopro, principalmente o pífano. Este possui origem europeia¹⁵, porém foi incorporada e bastante utilizada pelos Povos Originários, e pela cultura Nordestina.

Já na região Sudeste, há uma grande utilização, na dança, de instrumentos de corda e também da sanfona. A sanfona, instrumento bastante difundido na cultura popular, tem sua origem na China, sendo levada para Europa, e apresentando sua forma conhecida a partir do início do século XIX¹⁶. Foi introduzido no Brasil a partir da colonização portuguesa e foi incorporado por diferentes culturas em diferentes partes do território. Os instrumentos de cordas geralmente são o violão ou o cavaquinho, sendo este último de utilização menos comum. O cavaquinho¹⁷ possui origem portuguesa, estando hoje muito incorporado a diferentes ritmos musicais brasileiros, tendo participação fundamental no Samba. O violão¹⁸, como conhecemos hoje, é originário de diferentes instrumentos de corda que

¹⁵ Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=131> >

¹⁶ Disponível em: <<http://www.radioranchodatraira.com.br/index.php/acomordeao-sanfona-gaita-uma-historia-de-5-000-anos>>

¹⁷ Disponível em: <http://www.reocities.com/rodeodrive/plaza/1510/cat_cavaco/historiacavaco.htm>

¹⁸ Disponível em: <<http://www.mundodoviolo.com.br/historia/historia-do-violao/> >

possuem origem Persa, Egípcia, Árabe e Grega. Na Espanha, a partir de grandes alterações, o violão foi difundido e hoje também faz parte de diferentes estilos musicais brasileiros.

Os instrumentos de marcação geralmente utilizados na Dança de Caboclos são a caixa, o pandeiro ou a alfaia. A caixa¹⁹ (também denominado de tarola ou caixa clara), amplamente utilizada no carnaval brasileiro, possui sua origem na Europa do século XV com o objetivo de marcar as marchas militares. Quanto à alfaia²⁰, sua origem ainda não é alvo de consenso, embora tenha sido incorporada fortemente pelo Maracatu, possui suas raízes exteriores ao Brasil, sendo sua procedência é afirmada como sendo árabe europeia ou africana. O pandeiro²¹, instrumento bastante popular no Brasil, possui raízes árabes, a partir do instrumento Adufe (uma espécie de pandeiro quadrado), e foi introduzido no país a partir da colonização europeia. Quanto às performances realizadas, pode-se afirmar que há também uma grande variação entre os grupos das diferentes cidades e estados brasileiros. Na cidade de Recife, segundo Azevedo & Sena (2011), as coreografias são ricas e variam de um grupo para outro (e de um ano para outro). Este fato decorre da competição que é realizada, durante o carnaval, de modo a eleger o grupo de Caboclinhos vencedor do ano em questão. Já em Minas Gerais, cada localidade em que a dança é realizada possui uma coreografia, e esta é realizada com poucas alterações ao longo dos anos, uma vez que está associada a datas religiosas ou eventos esporádicos. Contudo, a elemento comum a todas as coreografias é a utilização do Arco e Flecha como adereço e instrumento, também realizando a marcação da dança.

Podemos observar que as ações da Igreja no período colonial, no Brasil, geraram inserções culturais que permanecem até os dias atuais. É importante notar que a Dança de Caboclos não representa um Povo Originário em específico, uma vez que apresenta uma generalização da sua figura (um estereótipo), associado a elementos de matrizes europeias e africanas. Os Povos Originários da região Nordeste e Sudeste são numerosos e ricos em diversidade. Já a Dança de Caboclos (ou Caboclinhos) apresenta elementos muito semelhantes, próprios da ação de uma única instituição ou grupo idealizador (no caso, a Igreja Católica), com a função de

¹⁹ Disponível em: <<http://www.percussionista.com.br/instrumentos/caixa.html>>

²⁰ Disponível em: <<http://maracatubaquealagoano.blogspot.com.br/2011/04/alfaia-voz-do-trovao-na-batida-do.html>>

²¹ Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/60730739/HISTORIA-DO-PANDEIRO>>

homogeneizar diversidades e instituir dominação no período colonial. Contudo, podemos também notar ao longo dos anos, a modificação dos grupos a partir de seus contextos locais, incorporando elementos específicos às suas realidades.

4.4 A Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados”

Podemos observar que há diferença entre Dança dos Puris e Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” da cidade de Araponga- MG. As Dança dos Puris foram múltiplas e se referiam ao universo cultural deste povo, se manifestando em diferentes esferas do cotidiano, assim como os demais Povos Originários (LEMOS, 2015). Seus registros foram realizados no período colonial por diferentes viajantes europeus, como mostrado anteriormente. Já a Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” é realizada pelos moradores da cidade de Araponga – MG, que se reconhecem enquanto descendentes dos Puris, mas também reconhecem, nas suas raízes, as contribuições dos povos europeus e africanos (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005). Deste modo, a Dança de Caboclos de Araponga, é uma dança de caboclos (ou caboclinhos), onde seus membros buscam inserir referências do Povo Originário Puri.

Devido às escassas fontes sobre a Dança de Caboclos denominada como “Folguedos dos Arrepiados”, suas especificidades serão baseadas, principalmente, na obra “Folguedos da Mata: um registro do folclore da Zona da Mata” de Giovannini Júnior (2005), nos registros audiovisuais produzidos pela Associação Cultural Sons da Mata²² (da cidade de Leopoldina- MG) e pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga- MG (CEPEC).

Segundo o autor a Dança de Caboclos, na Zona da Mata, possui como elemento central, o indígena (Figura 9), porém, cada localidade apresenta uma diversidade tanto entre enredo destas, quanto a sua intencionalidade. No distrito de Paraguai, município de Cajuri, por exemplo, a Dança de Caboclos se relaciona a São Sebastião (santo católico) (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005). Em Diamantina e

²² Os projetos e ações da Associação Cultural Sons da Mata podem ser vistas no seu site oficial, disponível em: <<http://cumbuca.org.br/>>.

Serros possuem ligação com a devoção ao Divino Espírito Santo e também a Nossa Senhora do Rosário, tendo uma forte ligação com o grupo de Congado das localidades. Em Araponga o “Folguedo dos Arrepiados”, segundo seus membros, representa as habilidades necessárias para a formação do guerreiro Puri. Deste modo, esta dança é executada em três partes: A dança da Trança de Cordas (Figuras 13 e 14), a Dança com Arco e flechas (Figuras 10 e 11) e a Dança com Porrete (lança) (Figura 12). Embora seja um folguedo que reúne diferentes matrizes, o grupo busca apresentar aspectos voltados à memória Puri, sendo a representação deste Povo Originário, seu agente principal.

Em Araponga os caboclos de hoje vestem saias e cocares feitas por índios pataxós, no entanto, estão recuperando as técnicas de confecção desses adereços e vestimentas. Começam a fazer eles mesmos suas saias, colhendo a taboa, uma planta que nasce no brejo, desfiando-a e confeccionando as saias com a palha seca. Resgatam antigas canções, já meio esquecidas, e compõem novas baseadas em palavras de origem Puri lembradas pelos mais velhos. Fazem planos para tornar a dança cada vez mais autêntica, no sentido de aproximar-se de características indígenas. (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005, p. 166).

Não há registros precisos do início desta manifestação cultural²³, porém, a partir de relatos da antiga moradora Sra. Geralda Viana, nascida em 10/06/1912, houve a constatação de que já em 1924 o Sr. João Fernandes Viana (tio da Sra. Geralda, mais conhecido como Joãozinho Viana) liderava o grupo de dança de caboclos na cidade. Após este, a liderança do grupo ficou a cargo de um senhor chamado Zé Romão, porém não há indícios de seu tempo de atuação. Na década de 50, o grupo foi coordenado pelo senhor João Amaro, já contando com registros fotográficos (Figura 8 e Figura 11). Na década de 1960, o grupo passou a ser coordenado pelo senhor Eugênio Lopes de Assis²⁴ (conhecido por Ginico Lopes) por cerca de 20 anos, transferindo sua liderança para o Senhor Pedro Belo, por motivos de saúde. Podemos observar os registros fotográficos da dança coordenada pelo Senhor Ginico Lopes nas Figuras 11 e 15. O senhor Jurandir Santos Assis (Jurandir Puri), atual coordenador do grupo, assumiu a sua organização a partir de 1996 trazendo o grupo às ruas após seis anos sem apresentações. Jurandir é filho de

²³ Segundo texto de Rodinei Ribas (Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC) 2010. Disponível em: <<http://colibridourado1.blogspot.com.br/2010/03/minha-tribo.html>>.

²⁴ Pai de Jurandir dos Santos Assis (atual coordenador do grupo).

Ginico Lopes, e também já participava das antigas apresentações do grupo. Suas apresentações são retratadas nas Figuras 9, 10, 12 e 14.

Com a criação do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico da Prefeitura de Araçatuba, em 2002, a Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados” foi reconhecida como importante instrumento de valorização da cultura e identidade local, bem como recebendo incentivo para voltar a suas apresentações. A fundação do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural – CEPEC, em 2003 permitiu a consolidação do grupo, que segue liderado por Jurandir Puri, contando com cerca de trinta integrantes em suas apresentações.

4.4.1 Coreografia e significados



Figura 8 - Dança de Caboclos em Araponga na década de 50, liderada por Seu Amaro. Contava com a presença de Ginico Lopes, liderança na década de 60.
Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC.



Figura 9 - Dança de Caboclos em Araponga no ano 2003. Liderada por Jurandir Assis.
Fonte: Giovannini Júnior (2005, p. 135).

Segundo Giovannini Júnior (2005) o passo básico da Dança de Caboclos é o mesmo entre os grupos da Zona da Mata mineira, porém varia em ritmo e amplitude dos movimentos (em Araponga os movimentos são rápidos e bem amplos, em relação aos das outras localidades). Na Dança do Arco e Flecha (Figuras 10 e 11) e na Dança de Porrete (Figura 12), os componentes se posicionam em duas filas, de modo que, frente a frente, formam-se duplas que lhes permitem, em alguns passos, realizar um movimento espelhado (Apresentação 6, Anexo A). Na obra de Giovannini Júnior (2005, p. 141) há o registro de seus passos:

[...] a dupla segue lado a lado, com os movimentos sincronizados, porém invertidos, como se estivessem ao lado de um espelho. O caboclo da direita leva o pé direito à frente no tempo forte da música, ou seja, na primeira batida da caixa, enquanto ao seu lado o outro caboclo leva o pé esquerdo, encontrando os dois lado a lado. A batida do pé no chão coincide com o estalido da flecha que o dançarino empunha, tapf, inclinando-se levemente para baixo. Na segunda batida da caixa, o dançarino movimenta-se levemente para cima, reerguendo o tronco, dando um pequeno salto para cima e/ou para a frente. O pé que está atrás faz um curto movimento, aproximando-se do calcanhar do pé da frente no terceiro toque do instrumento, enquanto esse gira para o lado, caindo paralelamente ao pé de trás, na quarta batida da caixa. O mesmo acontece com o caboclo da esquerda, porém, movimentando o pé contrário, sempre ao inverso, mas sincronizado. Na próxima sequência, seguindo o ritmo, o pé esquerdo, do caboclo da direita é que se movimenta à frente, cruzando para o outro lado na batida forte da caixa. O inverso é feito pelo companheiro, fazendo com que o par se movimente para lados opostos.

A coreografia, seguindo seus passos básicos, consiste na movimentação em filas paralelas, e em seguida a formação de uma só, de modo que fique primeiro um grupo, e segundo o outro, referentes às duas filas iniciais. Assim se movimentam e formam uma figura oval. Sempre repetindo seus passos. Depois se separam formando novamente as filas paralelas. Assim iniciam um “entrelaçamento”, de modo que uma fileira fica parada e outra passa ao lado de seus integrantes, seja pela esquerda, seja pela direita. Em seguida voltam à posição inicial e encerram este ato. Este passo é muito comum entre vários folguedos, como Congado e Festas Juninas.

A Dança do Arco e Flecha, em Araponga, representa uma caçada. Quando abaixam suas flechas (Figura 11) estão simulando a pesca de algum peixe, quando as inclinam (Figura 12) encenam a caça de algum pássaro. O arco e flecha são constituídos de madeira e algum material elástico para forçar a batida entre a flecha e o arco, a fim de gerar o som característico.



Figura 10 - Dança de Arco e Flechas (Preacas).
Fonte: Giovaninni Júnior (2005), p.143-145.



Figura 11 – Dança de Arco e Flechas. Déc. de 1980.
Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC.

A Dança de Porrete registrada por Giovannini Júnior (2005), (apresentada na Figura 6 e na Apresentação 10, anexo A), também denominada Dança de Lança, representa uma luta (um embate) e possui sua marcação gerada a partir das batidas entre os bastões. Esta dança segue os mesmos passos básicos da Dança de Arco e Flecha, iniciando também com duas fileiras paralelas. Estes também estabelecem uma sincronia com o membro da fileira oposta, batendo seus bastões seguindo o ritmo executado pelos instrumentos. Os bastões são batidos alternadamente para o alto, e para baixo. Num segundo passo uma fileira se vira de costas e a outra executa um movimento que simula um ataque batendo no bastão desta, que é posicionado pelos braços, sobre a cabeça. Logo em seguida, os papéis se invertem, simulando ações de defesa e ataque. Segundo Giovannini Júnior (2005), os bastões para a Dança de Porretes é feita com uma madeira encontrada na região denominada pau mulato (*Calycophyllum spruceanum*).



Figura 12 - Dança de Porrete, Dança de Caboclos.

Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC.

Dança de Cordas, Trança das Cordas, ou Pau de Fitas (Figuras 13 e 14), possui passos muito conhecidos no Brasil, tendo em vista que esta coreografia foi incorporada a diversos festejos no país. Segundo Amorim (2013), a Dança de fitas possui origem europeia, e durante o processo de colonização, foi incorporada aos países colônias de Portugal e Espanha. Também nos atenta para a presença desta dança desde a região Sul brasileira até a região Nordeste.



Figura 13- Dança de Cordas. Dança de Caboclos em Araponga, década de 50.

Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC.

A Dança de Fita foi incorporada a manifestações culturais muito diversas entre si, embora permaneça com a mesma estrutura básica, de modo que esta pode ser identificada como tal em diferentes regiões brasileiras. Porém a esta dança são atribuídos diferentes significados. No distrito de Paraguai, município de Cajuri, a Dança de Fitas representa o momento de captura e morte de São Sebastião, sendo o tronco onde foi amarrado santo católico com o cipó, representado pelas cordas. Já para Jurandir Puri, que coordena e lidera o grupo de Dança de Caboclos em Araponga, a trança de cordas envolvidas no mastro representaria “o enlace de culturas, europeia, negra e indígena, na formação do povo” (GIOVANNINI JUNIOR, 2005, p.164), além da rapidez e habilidade de deslocamento do guerreiro Puri.

A Dança das Cordas entre os Caboclos de Araponga compreende, pelo menos, doze componentes (Figura 14), sendo que cada um deve ser responsável por uma corda. Estas doze cordas são presas a um mastro que possui de 3 a 4 metros, que deve estar posicionado no centro do círculo formado pelos membros do grupo.



Figura 14 - Dança de Cordas. Dança de Caboclos.

Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC.

De acordo com Giovannini Júnior (2005), no ritmo da música dois participantes iniciam os passos básicos fazendo os seus movimentos espelhados, ora se aproximando, ora se afastando (como apresentado anteriormente). Como estão dispostos em círculo, quando se afastam do seu parceiro, se aproximam e outro membro imediatamente inicia o movimento, também de forma espelhada.

Assim, sucessivamente todos os membros iniciam a dança. Após todos estarem coordenados e no ritmo, é iniciado o movimento que resultará no trançado das cordas. Metade do grupo se direciona a circular em volta do mastro no sentido horário, e o outro no sentido anti- horário, fazendo um movimento de entrelaçamento entre as pessoas, de modo que ora se passe por dentro do círculo e ora se passe por fora. Assim a corda passa por cima e por baixo dos componentes, alternando-se e formando o trançado característico. Ao ocorrer o trançado as cordas se encurtam, e a dança assume o sentido inverso de modo que o trançado seja então desfeito.



Figura 15 - Instrumentos utilizados na Dança de Caboclos de Araponga. Década de 80.
Fonte: Acervo do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC.

Dentre os registros realizados, Giovannini Júnior (2005) demonstra que os instrumentos utilizados na Dança de Caboclos “Folguedos dos Arrepiados”, em Araponga, geralmente são: instrumento de marcação, de cordas e uma sanfona (Figura 15). Percebe-se inserido também o maracá, instrumento muito presente na cultura de diversos grupos indígenas em cerimônias, rituais de cura e acompanhamento de músicas em geral (BARROS & ZANNONI, 2012).

Segundo dados fornecidos pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC, a Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” não possui data específica ou regularidade para se apresentar como outras manifestações populares da região.

4.5 Entre Arrepiados, Caboclos e Puris

Para que haja melhor compreensão dos termos utilizados nesta pesquisa, será realizada uma breve reflexão acerca da origem destes e de suas utilizações.

Iniciando com o termo Puri, podemos observar a partir de Métraux (1946, p.523) que este, na verdade, faz referência a três subgrupos: os Sabonan, os Uambori e os Xamixuna. Segundo Debret (1834), a designação “puri” (falado “Puki” inicialmente), possui origem na língua do Povo Originário Coroados. Tendo em vista que Puris e Coroados eram povos inimigos, o termo utilizado possui uma conotação pejorativa que significa audacioso e ladrão. Assim, a designação era utilizada tanto por Coroados quanto pelos subgrupos para ofenderem-se mutuamente.

A partir das ações do período colonial, que culminaram na modificação dos modos de vida destes grupos e no alto índice de mortalidade de seus membros, o termo Puri foi gradualmente apropriado e ressignificado. Pode-se perceber atualmente que designação não possui mais um caráter negativo, pois se tornou a identidade e fonte de orgulho dos seus descendentes²⁵.

O termo “Arrepiados” também se refere diretamente ao Povo Originário Puri. Segundo Mattos (2006) esta denominação foi atribuída aos Puris devido ao penteado e adornos utilizados pelos mesmos. Podemos observar na cartografia colonial a utilização do termo para designar locais que possuíam alguma relação com este povo, como é o caso de: Arraial de Arrepiados²⁶, São Miguel e Alma dos Arrepiados²⁷ (hoje, Araponga) e Serra dos Arrepiados²⁸.

Este último termo se refere a atual Serra do Brigadeiro, revelando uma nova apropriação territorial a partir das ações coloniais.

O primeiro emissário do governo a inspecionar as divisas da Província de Minas Gerais, brigadeiro Bacelar [...]. Extasiado com a beleza do lugar, rebatizou o Rio Guarutos e a serra: o rio passou a se chamar Glória e a serra, Brigadeiro. (VITARELLI, 2005, p. 47).

²⁵ Pode-se perceber esta apropriação e ressignificação a partir na afirmação de seus descendentes, que se externaliza de diferentes formas, uma delas é a afirmação desta descendência que pode ser observada, por exemplo, no blog da cidade de Araponga- MG. Disponível em: <<http://araponga-mg.blogspot.com.br/>>.

²⁶ Arquivo Público Mineiro. Mapa Indicativo de Serras e Rios da Zona da Mata Mostrando terrenos e seus respectivos proprietários. Notação: PP - 001. Fundo: Presidência da Província – PP. 1801-1900 (data provável).

²⁷ Arquivo Público Mineiro. Província de Minas Gerais. Notação: APM – 024. Fundo: Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro – APM. 1800 (data provável).

²⁸ Arquivo Público Mineiro. Mapa da região limítrofe dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, em litígio. Notação: SI-007(05). Fundo: Secretaria do Interior - SI. 1798.

Hoje podemos perceber, em Araponga, a reapropriação desta denominação em relação ao município, uma vez que a própria Dança de Caboclos é denominada “Folguedo dos Arrepiados”, e a Casa Cultural é denominada “Arrepiados da Serra”.

Com relação ao termo Caboclo, Câmara Cascudo (1954) afirma que o termo surge da junção de duas palavras Tupi, “caá” que se refere a mato, selva e “boc” que significa originado, retirado, vindo de algum lugar. Segundo Câmara Cascudo (1954), até o final do século XVIII o termo era sinônimo oficial de indígena, posteriormente se difundiu como mestiço (fruto da relação de brancos ou negros com povos originários). Afirma também que o termo apresenta conotação pejorativa representando inferioridade, imbecilidade e incapacidade. Já Debret (1834) utiliza o termo para designar os indígenas que receberam batismo, ou seja, que estão em certa medida já submetidos às ações colonizadoras.

Segundo Resende & Villalta (2007), a utilização do termo caboclo e outras denominações, era um meio de burlar as leis vigentes no período colonial que proibiam o cativo dos Povos Originários, mas não impedia a utilização de “mestiços” para o trabalho escravo. Já a Diretoria Geral de Estatística (hoje Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), utilizou o termo caboclo nos seus Censos Demográficos de 1872 e 1890 como referência direta aos Povos Originários²⁹. Deste modo, podemos observar que a utilização desta denominação é historicamente utilizada tanto para referir-se diretamente aos povos nativos do Brasil quanto para seus descendentes.

Com o passar dos anos a utilização do termo se diversificou. Na Amazônia, por exemplo, o termo é utilizado em diferentes situações e grupos sociais, na maioria das vezes possuindo um caráter pejorativo. Lima (2009, p.110) afirma que:

Entre a população urbana [...], nas cidades amazônicas menores, são principalmente os membros da classe superior que se referem frequentemente aos habitantes rurais como caboclos. A classe superior urbana pode às vezes se referir também à camada pobre das cidades como caboclos. A população rural rejeita o rótulo caboclo e considera que ele não se refere a ela, mas aos índios.

Podemos notar que o termo, quando não relacionado diretamente aos povos originários, relaciona a aspectos que remetem de alguma forma, a uma relação com estes. Na maioria das vezes não possuem uma atribuição positiva, disseminando o

²⁹ Notas Técnicas: Histórico da investigação de Cor ou Raça das pesquisas domiciliares do IBGE. In: **Características Étnico-raciais da População: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>>

pensamento de que estar ligado aos Povos Originários, ou mesmo possuir hábitos e relações sociais semelhantes seja algo negativo, algo que não se almejaria.

Na Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, o termo caboclo é relacionado à relação interétnica ocorrida a partir da colonização da região. Giovannini Júnior (2005) afirma que, para os membros do grupo da dança, o caboclo é aquele que possui raízes africanas, europeias e ameríndias, mas que vem a público afirmar sua identidade indígena, uma vez que esta se encontrou historicamente invisibilizada.

Caboclos, Arrepiados e Puris, termos exteriores ao Povo Originário em questão, foram ao longo do tempo sendo apropriados, e mesmo possuindo diferentes origens e diferentes intencionalidades são, hoje, fonte de afirmação identitária e resistência cultural para seus descendentes.

4.6 Território e Territorialidades

Podemos perceber em diferentes campos de estudos o uso do conceito de território. Este é polissêmico, assumindo diferentes abordagens em cada área de conhecimento. De acordo com Haesbaert (2004, p. 37):

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto "força produtiva"); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do "neotribalismo" contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.

No âmbito da Geografia, Moraes afirma (2003) que a grande contribuição para a sistematização e introdução do conceito de Território foi Friedrich Ratzel, cujas obras foram publicadas em fins do século XIX. Seu trabalho é contemporâneo

à formação do estado Alemão e suas primeiras décadas de vigência. O estado alemão foi formado tardiamente em relação aos seus países vizinhos:

Isto é, este país emergia como mais uma unidade do centro do mundo capitalista, industrializada, porém sem colônias. A unificação tardia da Alemanha, que não impediu um relativo desenvolvimento interno, deixou-a de fora da partilha dos territórios coloniais. Isto alimentava um expansionismo latente, que aumentaria com o próprio desenvolvimento interno. Daí, agressivo projeto imperial, o propósito constante de anexar novos territórios. (MORAES, 2003, p.18).

Esta política exterior expansionista encontrou respaldo nas obras de Ratzel. Moraes (2003) afirma que, para Ratzel, o território representava “as condições de trabalho e existência de uma sociedade.”. Deste modo, o progresso e desenvolvimento de uma sociedade envolveriam a expansão e anexação de novos territórios, como meio de suprir suas necessidades básicas. Relacionando diretamente com o conceito de Território, Ratzel introduz o conceito de “espaço vital”:

[...] este representaria uma proporção de equilíbrio, entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais. (MORAES, 2003, p.19).

Assim, os recursos de um espaço e suas relações de poder estão intimamente ligados ao conceito de território, legitimando muitas ações expansionistas por parte do estado Alemão.

Contudo, Bezerril & Galvão (2013, p.20) afirmam que, a partir do início do século XX, os estudos de Ratzel foram amplamente criticados pela escola francesa de Geografia. Segundo os autores, as disputas territoriais entre França e Alemanha no século anterior têm profunda relação com este fato. Porém, o estudo de Ratzel foi também associado ao nazismo alemão e suas políticas expansionistas. Assim, sua obra foi, gradativamente, caindo em desuso, sendo retomada no século XXI.

Raffestin, em sua obra publicada em 1980, retoma o conceito de território, ligando-o ao espaço e ao poder. Segundo ele:

O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo,

pela representação), o ator "territorializa" o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (RAFFESTIN, 1980, p. 143-144).

Raffestin (1980) traz ao debate geográfico maior ênfase entre as relações de poder e o território. Segundo o autor, o território é formado por relações de poder aplicadas sobre o espaço e sobre os sujeitos sociais, a partir de grupos que buscam controle sobre os mesmos e frequentemente conflitam entre si buscando seus interesses particulares.

De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações e de novas ligações. O mesmo se passa com as empresas ou outras organizações, para as quais o sistema precedente constitui um conjunto de fatores favoráveis e limitantes. O mesmo acontece com um indivíduo que constrói uma casa ou, mais modestamente ainda, para aquele que arruma um apartamento. Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem "territórios". Essa produção de territórios se inscreve perfeitamente no campo do poder de nossa problemática relacional. [...] Quando o geógrafo é posto diante de um sistema territorial, ele descobre uma produção já elaborada, já realizada. Produção suscetível de mudanças, contudo suficientemente fixa para ser analisada. (RAFFESTIN, 1980, p. 152-153)

Corroborando com Raffestin, Haesbaert & Limonad (2007) apresenta o território relacionado às relações de poder, porém inclui a esta visão outras perspectivas.

[...] o território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza); o território possui tanto uma dimensão mais subjetiva, que se propõe denominar, aqui, de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva, que pode-se denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-econômica. (HAESBAERT & LIMONAD, 2007, p. 42).

Segundo Souza (2000, p 78) o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir relações de poder”. Deste modo, podemos inferir que o território não se restringe apenas às fronteiras político-administrativas, uma vez que são “construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas” (SOUZA, 2000, p.81) espaciais e

temporais. Observamos que comumente há a superposição de territórios, que possuem diferentes escalas, limites e temporalidades não coincidentes. Um país possui diferentes estados, municípios, e grupos políticos, econômicos e sociais que atuam sobre o espaço e estabelecem relações de poder sobre ele e a partir dele, ou seja, estabelecem diversas formas de territorialidades. Assim, o território pode ser considerado:

“um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders).” (SOUZA, 2000, p.86).

Neste contexto, Freitas et al. (2010) nos trazem a ideia de territorialização como ação dos sujeitos sobre o espaço, gerando e delimitando territórios. Segundo Freitas et al.:

O conceito de territorialização remete à ideia de uma ação política (mas não necessariamente estatal) cuja intenção, manifesta ou não, é estabelecer certas normas ou institucionalidades compartilhadas por determinados grupos para orientar práticas sociais sobre um determinado espaço. As “práticas sociais” podem envolver desde ações coletivas pontuais ou específicas até a noção, mais abrangente, de “projetos políticos”. (FREITAS et al., 2010, p. 31).

Assim, esta pesquisa compreende o território como as relações de poder que se estabelecem e são materializadas a partir do controle sobre um dado espaço.

Segundo Freitas (2015), por iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, foi criado o Programa Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável dos Territórios Rurais – PRONAT no ano de 2003. Este programa visou expandir suas ações além do nível municipal, buscando aliar municípios que traziam consigo características comuns como: grande parte da população e economia focalizadas no campo e baixo desenvolvimento social e econômico. Segundo a definição da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do MDA, o território:

É um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população, com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos

que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial (BRASIL/MDA/SDT, 2005a, P. 28).

A partir desta definição podemos perceber que nesta política o território assume um recorte instrumental, de caráter político administrativo (FREITAS, 2010, p.40), não considerando as relações de poder presentes na área. O território reúne nove municípios (Ervália, Araponga, Sericita, Pedra Bonita, Divino, Fervedouro, Miradouro, Muriaé e Rosário da Limeira) que estão no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro – PESB, e possuem parte de seu território no interior do parque (exceto Rosário da Limeira). Neste contexto há uma sobreposição de territórios de cunho político administrativo: os municípios (de cunho local), o PESB (de caráter normativo estadual) e o Território Serra do Brigadeiro (território estabelecido no âmbito federal). Segundo Loreto et al. (2012, p. 10), a gestão e implantação de políticas no Território Serra do Brigadeiro são decididas pelo Conselho Consultivo formado por “EMATER, Prefeituras, representantes de agricultores, da sociedade civil e dos sindicatos”, contudo:

[...] há muitas propostas de projetos, mas estas são pontuais e atendem interesses específicos; ou seja, existe limitada interatividade entre projetos e programas de ação, visando o desenvolvimento do território como um todo. (LORETO et. al., 2012, p. 12)

O que se pode notar é o conflito entre uma proposta de formação de uma unidade territorial pelo setor governamental e os territórios já instituídos anteriormente. Além da territorialização de caráter político-administrativos (estado, municípios, parque estadual) que no Território Serra do Brigadeiro há grupos sociais que também buscam se territorializar em outras escalas espaço-temporais. Trazendo esta reflexão para uma escala local, podemos perceber, como exemplo, a ação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga no processo de Compra Conjunta de Terras. Segundo Silva (2011, p.228), este processo visa facilitar aos trabalhadores rurais o acesso à terra, permitindo-os a produção e comercialização de seus produtos de forma mais autônoma e menos dependentes dos grandes produtores de café da região. Neste âmbito local podemos perceber relações de poder se reconfigurando sobre o espaço. Embora ainda tenha uma ação voltada

para um espaço reduzido, os trabalhadores rurais já estão territorializando um espaço antes dominado completamente por grandes produtores.

Outra forma de territorialização denominada por Souza (2000, p. 87) “territorialidades flexíveis” aponta para o caráter temporário e cíclico de apropriação do espaço e estabelecimento de relações de poder e pertencimento. Um exemplo disso são as manifestações culturais que se apresentam com regularidade sobre um dado espaço, que se encontra já territorializado por outros agentes sociais. A Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, por exemplo, apresenta essa territorialização cuja temporalidade é bem definida. Suas apresentações trazem o Povo Originário Puri como figura central, povo este cuja história local é marcada por forte colonização e segregação cultural, social, política e territorial. Assim, em ocasiões de festas relacionadas à Igreja ou voltadas às manifestações culturais o grupo se apresenta territorializando o espaço de praças, ruas, escolas, afirmando a figura do Puri como elemento constituinte daquele espaço, daquela história ainda nos dias atuais. Souza (2000) afirma que a ocupação destes espaços se configura numa territorialização em momentos definidos, em um ambiente que em diferentes períodos históricos, e de diversas formas, discriminam os grupos ali inseridos.

É importante salientar que o Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC faz parte do Conselho Consultivo do Parque Estadual Serra do Brigadeiro - PESB (Anexo B) e também faz parte do Colegiado Territorial do Território Serra do Brigadeiro - TSB. Deste modo, pode-se perceber uma instituição cultural cuja territorialidade influencia e sofre interferência de duas territorialidades de caráter político administrativo de diferentes instâncias. O CEPEC, juntamente com outras entidades-membro do Conselho Consultivo do PESB e do Colegiado Territorial do TSB, buscam estabelecer suas territorialidades e interagir com as outras territorialidades estabelecidas. Estas podem se sobrepor ou conflitar entre si.

A Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” possui uma ligação direta com o CEPEC, uma vez que o seu coordenador é também membro do centro cultural em questão, assim sua “territorialidade flexível” (SOUZA, 2000, p.87) se vê influenciada por diferentes instâncias e suas ações materializadas no território.

Outro ponto a ser observado se refere à CEPEC, possuindo sua sede na Casa da Cultura “Arrepiados da Serra” na cidade de Araponga. Assim, a partir da homologação do Território Serra do Brigadeiro, com sua destinação de recursos aos

municípios e à Casa da Cultura³⁰, esta pôde influenciar diretamente nas “territorialidades flexíveis” exercidas pela dança.

4.7 Geoprocessamento e Mapeamento Cultural

O Geoprocessamento tem sido amplamente utilizado em diferentes áreas como a agricultura, a gestão ambiental, o planejamento e gestão urbana, pois se mostrou um importante instrumento para situações em que há a necessidade de planejamento e/ou tomada de decisão sobre o espaço. Segundo Câmara et al. (2001, p. 1), o Geoprocessamento é caracterizado como:

[...] conhecimento que utiliza técnicas matemáticas e computacionais para o tratamento da informação geográfica e que vem influenciando de maneira crescente as áreas de Cartografia, Análise de Recursos Naturais, Transportes, Comunicações, Energia e Planejamento Urbano e Regional. As ferramentas computacionais para Geoprocessamento, chamadas de Sistemas de Informação Geográfica (GIS), permitem realizar análises complexas, ao integrar dados de diversas fontes e ao criar bancos de dados georreferenciados. Tornam ainda possível automatizar a produção de documentos cartográficos.

Em relação às técnicas utilizadas no Geoprocessamento, Soares (2010, p. 9) afirma que:

As técnicas de Geoprocessamento, de forma geral podem ser divididas em duas linhas: o sensoriamento remoto e o sistema de informação geográfica. O sensoriamento remoto é responsável pela observação e estudo da superfície terrestre a partir de sensores posicionados remotamente. Os sistemas de informações geográficas são sistemas automatizados usados para armazenar, analisar e manipular dados geográficos [...].

Segundo Câmara et al. (2001), os primeiros sistemas de informação geográfica surgiram no Canadá, na década de 60, porém, com bastantes limitações técnicas. Já nos anos 70, foram gerados novos sistemas de hardware que permitiram maior avanço nesta área. Mas, pode-se notar que a dependência da utilização de computadores de grande porte nesta época limitou o acesso a esta tecnologia. Em meados dos anos 80 observou-se um maior acesso às

³⁰ Segundo o Perfil Territorial (2015, p.7). Caderno Territorial. Sistemas de Informações Territoriais. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_078_Serra%20do%20Brigadeiro%20-%20MG.pdf

geotecnologias, possibilitadas pelos avanços da microinformática e estabelecimento de instituições voltadas para estudos nesta área. Neste contexto, segundo Câmara et al (2001), o Geoprocessamento é inserido no Brasil pelo prof. Jorge Xavier da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesta mesma década, a vinda do Dr. Roger Tomlinson ao Brasil trouxe maior incentivo à criação de novas instituições voltadas às geotecnologias.

A partir da década de 80, houve maior utilização e popularização das geotecnologias possibilitadas pela evolução dos computadores pessoais, dos sistemas gerenciadores de dados relacionais e facilitação do acesso aos mesmos.

Segundo Souza Filho et. al. (2008), nos anos 90 o Geoprocessamento se consolidou como ferramenta importante para a gestão e tomada de decisões, tanto em âmbito acadêmico, como em instituições governamentais e privadas. Podemos perceber atualmente a sua utilização nos mais diversos campos a partir da grande massificação do uso da internet, sendo utilizado tanto em aplicativos simples, como em grandes projetos.

Outra questão que vem ganhando espaço ao longo dos anos é a utilização do Geoprocessamento aplicado às questões culturais. Iniciativas acadêmicas e governamentais têm demonstrado o grande potencial das geotecnologias para o mapeamento, compreensão e gestão de assuntos voltados ao campo cultural.

A cartografia voltada às questões culturais tem sua origem na Cartografia Crítica (MACHADO, 2014), desenvolvida em fins dos anos 80 e meados dos anos 90, período que também inicia a expansão e popularização das Geotecnologias. O autor afirma que a ampliação do acesso às tecnologias voltadas à cartografia permitiu maior conhecimento e críticas às ferramentas e metodologias utilizadas. A Cartografia Crítica seguiu duas vertentes: a teórica e a prática. A vertente teórica propõe “repensar o mapeamento como produtor de conhecimento, ativo e com poder para promover a transformação social” (MACHADO, 2015, p.46), buscando atentar-se para as relações de poder e intencionalidades que a elaboração de um mapa apresenta, retirando seu aspecto de neutralidade. Já a vertente prática buscou a utilização de diferentes metodologias, as quais se distanciavam das tradicionalmente praticadas. Segundo Machado (2015), estas metodologias tinham como objetivo uma maior aproximação entre a população, as novas tecnologias e a elaboração de mapas. Nestas as questões sociais e culturais foram amplamente abordadas. Com o

advento e contribuições da Cartografia Crítica houve também a utilização das ferramentas cartográficas por outros campos de conhecimento, como as Ciências Sociais e a Antropologia, por exemplo.

Concomitante a estes processos, ocorria entre os anos 80 e 90 a renovação e retomada da Geografia Cultural. Segundo Claval (2011), a Geografia Cultural nasceu em fins do século XIX, entre franceses, ingleses e norte-americanos (destacando-se a Escola de Berkeley, criada por Sauer). Limitando-se a enfatizar os meios utilizados pela sociedade para modificar seu ambiente, tratava-se de “quase exclusivamente da atividade humana e de suas marcas na paisagem” (CLAVAL, 2011, p.7).

Após os anos 90, Seemann (2003) afirma que os estudos geográficos começaram a abordar “questões culturais’ nos mais diversos sub-campos da Geografia, como a Geografia econômica, política, urbana e até ambiental” buscando abordar também os aspectos simbólicos e suas representações no espaço. Segundo Claval (2011, p. 16):

A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na geografia cultural. A natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquire as suas práticas e os seus conhecimentos [...]. Os lugares onde a transmissão ocorre têm um papel estratégico na gênese do indivíduo e na construção da cultura.

A partir deste contexto, os estudos voltados à cartografia aprofundaram a análise da dimensão espacial das manifestações culturais, em suas mais diversas formas. Muitos dos estudos realizados se voltaram para o mapeamento e análise da espacialização de grupos urbanos, nas comunidades tradicionais e junto aos povos originários. Segundo Machado (2015, p. 48):

A renovação cartográfica traz mudanças de nomenclatura para a cartografia que visa mapear o modo de vida de comunidades tradicionais, passando a ser conhecida por mapeamento cultural, etn-cartografia, cartografia étnica, entre outros. [...]

Percebemos que Machado (2015) apresenta Mapeamento Cultural e Etn-cartografia como sinônimos. Já Ataíde (2011) relaciona a Etn-cartografia como um Mapa Cultural Colaborativo, ou seja, um mapeamento de aspectos culturais

onde há a participação ativa do grupo social pertinente ao estudo em questão. Em diferentes trabalhos a Etnocartografia é apresentada como uma metodologia participativa. Contrariando esta visão Braga (2010, p. 28) diferencia a Etnocartografia de colaborativa e não colaborativa:

Na elaboração de etnomapeamentos, os métodos podem ser participativos e não participativos. No primeiro caso, a comunidade elabora seus próprios mapas com o auxílio de técnicos. No segundo, são os técnicos que produzem os cartogramas, embora seja fundamental a contribuição das comunidades, demandando uma maior aproximação do pesquisador com a prática comunitária [...]

Não há uma delimitação específica que vise diferenciar as denominações Mapeamento Cultural, Cartografia Social, Etnocartografia, Mapeamento Cultural Colaborativo, etc. Porém, pode-se perceber que há mapeamentos de cunho cultural que envolvem a população local em todas suas etapas e mapeamentos que só há a participação desta em fases específicas. Contudo, é importante notar o aumento expressivo dos estudos voltados à espacialização de questões culturais associadas às geotecnologias.

Um exemplo de mapeamento voltado às questões culturais é o projeto Mapa da Cultura³¹, promovido pela Secretaria da Cultura do município de São Paulo em Parceria com o Instituto TIM³². Este projeto consiste num mapeamento cultural de caráter colaborativo, possibilitado pela disponibilização de um software livre que permite a visualização da espacialidade das manifestações culturais no território brasileiro. Segundo o Sistema Nacional de Índices e Indicadores Culturais - SNIIC³³, o sistema é baixado gratuitamente e permite, tanto ao poder público quanto aos agentes sociais, adicionar dados relativos a: equipamentos culturais, agentes individuais ou coletivos, eventos, espaços de cultura, programações oficiais e editais voltados a questões culturais. A consulta também é livre e permite maior conhecimento e interação entre agentes produtores, instituições governamentais gestoras e a sociedade em geral. Assim, permite-se conhecer de forma ampla a localização exata das diversas nuances associadas às questões culturais. O projeto Mapas da Cultura foi adotado pelo SNIIC, permitindo a integração dos sistemas, e facilitando o acesso da população em geral à espacialização das manifestações

³¹ Mapa da Cultura. Disponível em: <<http://mapas.cultura.gov.br/>>.

³² Mapas Culturais. Instituto TIM. Disponível em: < <http://institutotim.org.br/project/mapas-culturais/>> .

³³ Sistema Nacional de Índices e Indicadores Culturais. Disponível em: < <http://sniic.cultura.gov.br/sobre/mapas-culturais-apoio-para-estados-e-municipios/>> .

culturais e seus agentes, além da possibilidade de constante atualização de informações. Este sistema já está vigente (com o apoio da Coordenação Geral de Monitoramento de Informações Culturais, do Ministério da Cultura) nos municípios de Sobral – CE, Santo André – SP, São José dos Campos – SP, João Pessoa – PA e Blumenau – SC, e nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Tocantins, Ceará, Mato Grosso.

Já sobre os mapeamentos realizados em âmbito acadêmico, podemos observar como exemplo, Braga (2014) cujo trabalho visou à espacialização do território sagrado para o Candomblé do município de Santa Luzia – MG, a partir de um trabalho etnocartográfico, e Soares (2010), que buscou a elaboração de um SIG voltado ao mapeamento dos agentes culturais (promotores de cultura e usuários) e dos espaços de cultura.

O estudo de Braga (2010) voltou-se ao mapeamento de potenciais áreas para a prática de cultos externos das comunidades de Candomblé, considerando que esta religião de matriz africana possui uma relação bastante próxima entre suas divindades e a natureza. Realizando um trabalho etnocartográfico, com grande envolvimento das comunidades, o autor pode observar e mapear suas diversas características materiais e simbólicas. Como produto final, o autor, a partir de ferramentas do Geoprocessamento, mapeou os locais do município que ainda mantêm seus recursos naturais preservados e relacionou-os como as comunidades de prática do Candomblé, possibilitando a elas estabelecer uma nova espacialização dos seus cultos externos, no município de Santa Luzia.

Em seu estudo, Soares (2014) apresenta o mapeamento do quadro cultural de Brasília e suas redes de relações, buscando elaborar um Sistema de Informações Geográficas - SIG que possibilite abarcar esta complexidade de atores e relações socioculturais envolvidas e permitir atualizações regulares (SOARES, 2010). O autor afirma que:

Não há método único que descreva como devem ser feitas as pesquisas que buscam analisar a sociedade e cultura por meio de suas interações com o espaço. Tão pouco, uma metodologia única para a elaboração da representação gráfica – mapa – de tais análises. (SOARES, 2010, p.18).

Soares (2010), em sua obra, atenta-nos para a dificuldade de obter, quantificar e tabular informações pertinentes ao mapeamento voltado às questões culturais. Assim, o autor optou por uma metodologia que incluía aplicação de

questionários, junto aos grupos e espaços que realizavam projetos voltados à cultura, os usuários destes projetos, além da obtenção de dados junto aos órgãos oficiais. Após esse procedimento, georreferenciou os pontos (referentes aos espaços culturais, equipamentos e residências daqueles que utilizam os espaços, de modo a perceber qual deslocamento até o espaço em questão). Posteriormente Soares (2010) criou um banco de dados buscando relacionar todos os dados adquiridos em seu estudo.

O autor, a partir de um software voltado ao geoprocessamento pode elaborar um grande número de mapas que buscaram apresentar a dinâmica cultural em Brasília – DF, revelando a complexidade das relações existentes e nos atentando para as potencialidades do uso das ferramentas de Geoprocessamento para compreensão das manifestações culturais, bem como sua melhor gestão por parte dos órgãos competentes e sociedade. Também elaborou um SIG voltado a possibilitar a contínua atualização de dados do setor cultural. Seu estudo possibilitou a percepção da grande centralidade de alguns pontos culturais, bem como o grande deslocamento por parte da população brasiliense para utilizá-los.

A partir dos exemplos mencionados pode-se perceber a grande potencialidade do Geoprocessamento aplicado às manifestações culturais e sua espacialização na sociedade. Tanto agentes governamentais quanto os membros dos grupos ou comunidades podem se beneficiar desta espacialização. Gerar uma melhor gestão no setor cultural, ou reivindicar os direitos ancestrais sobre um território são ações que podem ser possibilitadas a partir do conhecimento profundo do mesmo, permitido pelas novas ferramentas de produção cartográfica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos dados coletados para a realização da distribuição espacial da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, 83% foram disponibilizados unicamente pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural – CEPEC. Os 17% restantes foram obtidos por meio do site oficial do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura – SALIC, (Ministério da Cultura) e por meio do site da Associação Cultural Sons da Mata (Leopoldina – MG). As instituições Escola Família Agrícola – EFA Puris (Araponga – MG) e Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM, anteriormente elencadas para obtenção de dados, não apresentaram informações consistentes a respeito da Dança, revelando pouca ou nenhuma relação com a mesma. A Prefeitura Municipal de Araponga – MG, embora possua um convênio com a CEPEC desde 2007 (ver Anexo C), não apresentou registros a respeito das apresentações. Este fato pode demonstrar ausência de um controle específico e acompanhamento sistemático das questões culturais do município, tendo em vista que a Dança de Caboclos, juntamente com a Encomendação das Almas e Folia de Reis e de São Sebastião (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005), são fontes de identidade e história para a população do município. A sistematização dos registros pode permitir a obtenção de um panorama geral da cultura. Contudo, a sua ausência pode comprometer a formulação e aplicação das políticas públicas voltadas às questões culturais, de modo a não atingir os resultados esperados.

A partir dos registros coletados (presentes no Anexo A) e atendendo a um dos objetivos deste estudo, foram gerados dois mapeamentos. O primeiro mapa (Figura 16) se refere à representação espacial das apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, apontando as cidades pertencentes ao Território Serra do Brigadeiro as quais o grupo se apresentou. O segundo mapa (Figura 17) se refere à temporalidade destas apresentações e seu respectivo local de ocorrência. A partir dos dados coletados foi também elaborado o Quadro 1 agrupando as informações sobre cada apresentação observada. Segundo informações abordadas na revisão bibliográfica associadas a dados presentes no Quadro 1, foi elaborado o Quadro 2 referindo-se aos acontecimentos ocorridos no recorte temporal de 1996 a 2015, que se relacionam com o grupo de dança. A seguir os mapas e quadros gerados.

Representação espacial das apresentações da Dança de Caboclos "Folguedo dos Arrepiados" no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga - MG

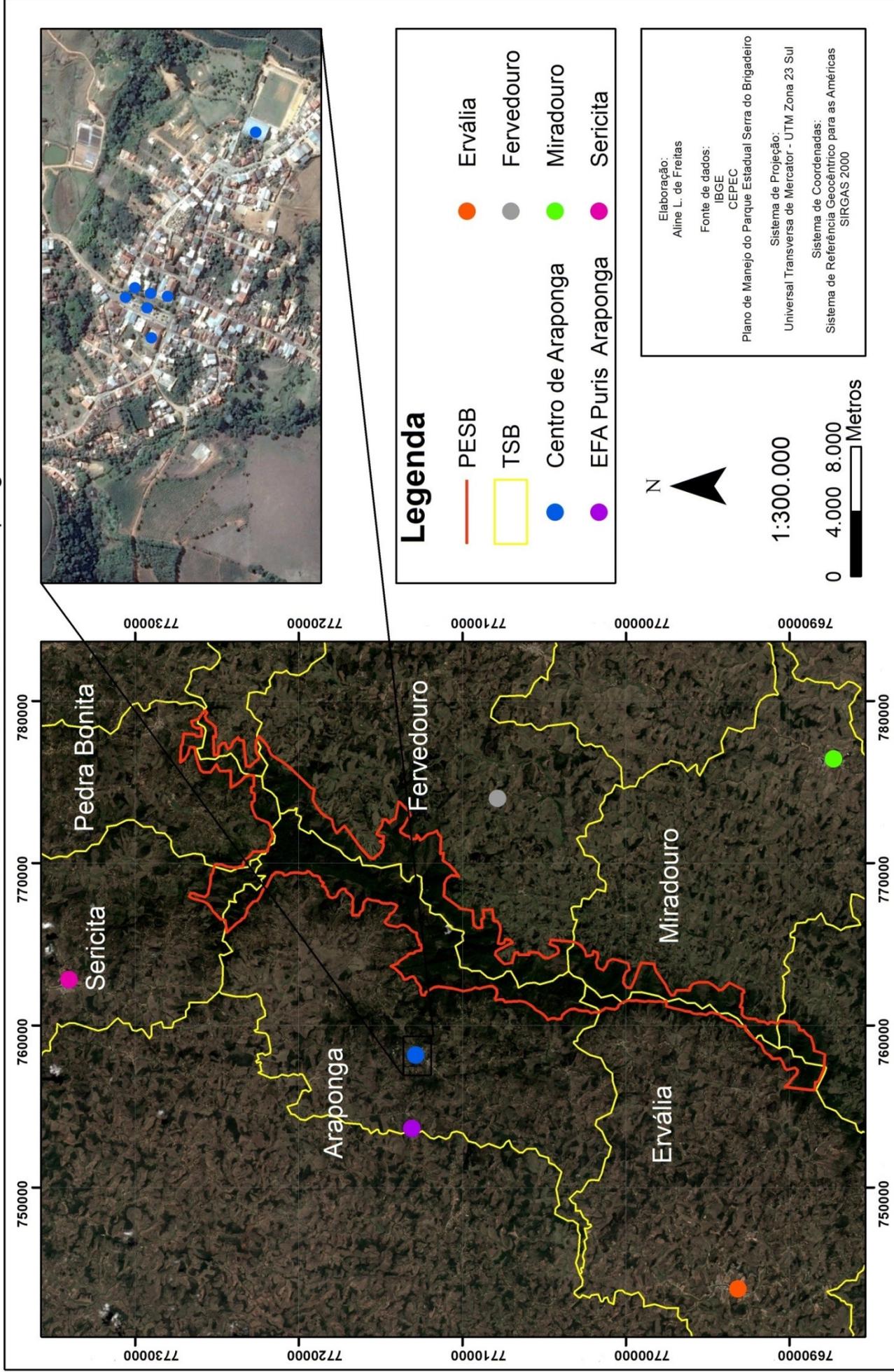


Figura 16 - Mapa da Representação espacial das apresentações da Dança de Caboclos "Folguedo dos Arrepiados" no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga - MG.
Fonte; Elaborado pelo Autor. 2016.

Representação temporal das apresentações da Dança de Caboclos "Folguedo dos Arrepiados" no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga - MG

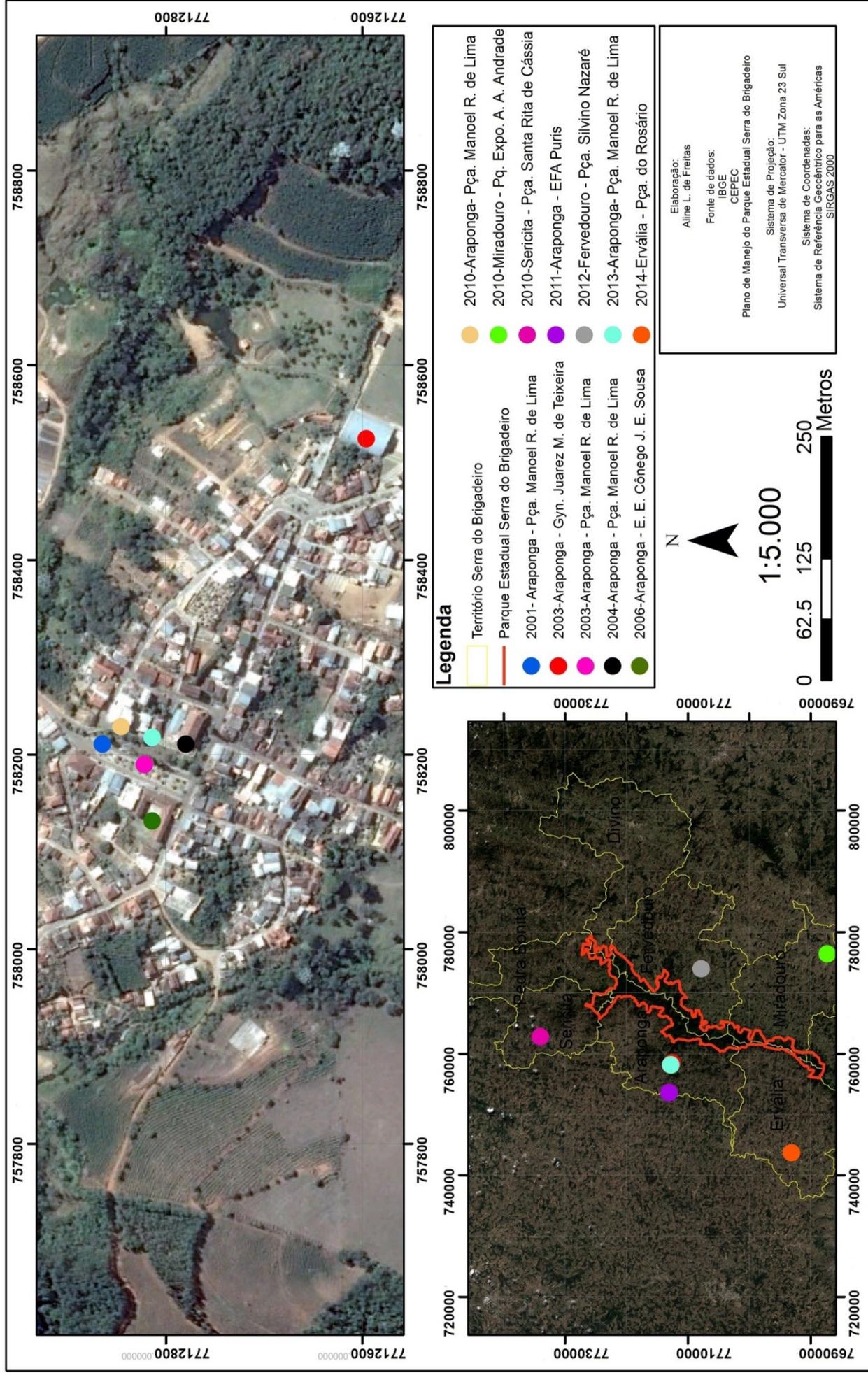


Figura 17 - Mapa da Representação temporal das apresentações da Dança de Caboclos "Folguedo dos Arrepiados" no Território Serra do Brigadeiro, com realce da área urbana central de Araponga - MG.
Fonte: Elaborado pelo Autor. 2016

Quadro 1- Relação de dados coletados sobre as apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” *.

DATA	CIDADE	LOCAL	EVENTO	APOIO
12/10/2001	Araponga	Praça Manoel Romualdo de Lima	Festa do Padroeiro São Miguel e Nossa Senhora Aparecida	Paróquia de São Miguel de Araponga
26/01/2003	Araponga	Praça Manoel Romualdo de Lima	Festa de São Sebastião	Paróquia de São Miguel de Araponga
22/02/2003	Araponga	Ginásio Poliesportivo Juarez Martins de Teixeira, Rua Francisco Anacleto Pereira	1ª Noite Cultural Ecumênica Jovem	Paróquia São Miguel de Araponga
2004	Araponga	Praça Manoel Romualdo de Lima	1º Encontro de Tradições Mineiras	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga- CEPEC; Centro de Tradições Mineiras de Leopoldina
2007	Araponga	Escola Estadual Cônego José Ermelindo de Souza. Praça Manoel Romualdo de Lima	Noite Cultural	Escola Estadual Cônego José Ermelindo de Souza; Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Departamento do Patrimônio Histórico e Cultural de Araponga; Prefeitura de Araponga.
08/05/2010	Araponga	Praça Manoel Romualdo de Lima	1º Terreiro Cultural	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Fundo Estadual de Cultura; Prefeituras dos municípios do Território Serra do Brigadeiro;

28/05/2010	Miradouro	Parque de Exposição Amaro Acelino de Andrade, Rua José F. da Silva	2º Terreiro Cultural	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Secretaria do Desenvolvimento Territorial – MDA; Instituto Estadual de Florestas – IEF; Prefeituras dos municípios do Território Serra do Brigadeiro
06/11/2010	Sericita	Praça Santa Rita de Cássia	3º Terreiro Cultural	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Secretaria do Desenvolvimento Territorial (do MDA); Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro – TBS; Instituto Estadual de Florestas; Prefeituras dos municípios que compõem o Território Serra do Brigadeiro;
2011	Araponga	Escola Família Agrícola - EFA Puris. Comunidade Novo Horizonte, São Joaquim – Zona Rural de Araponga	Projeto Ponto de Cultura “Os caboclos da mata olelé”, oficina de Dança	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Ministério da Cultura; Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais.
15/04/2012	Fervedouro	Praça Silvino Nazaré, Distrito de São Pedro do Glória	4º Terreiro Cultural, 7ª Cavalgada Aldeia da Vida	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Ministério da Cultura; MDA; Secretaria de esporte e juventude do Estado de Minas Gerais; Escola Estadual São Pedro do Glória; Prefeitura Municipal de Fervedouro; Votorantim; Energisa; Liz Cimentos

20/01/2013	Araponga	Praça Manoel Romualdo de Lima	5º Terreiro Cultural, Festa de São Sebastião	Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Ministério da Cultura; Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais; Paróquia de São Miguel de Araponga; Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro – TBS; Circuito Turístico Serras de Minas; Departamento de Cultura, Prefeitura de Araponga, MDA.
25/04/2014	Ervália	Praça do Rosário	Cavalgada Aldeia da Vida	Cavalgada Aldeia da Vida; Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura - SALIC

*Fonte de dados: Anexo A - Associação Cultural Sons da Mata, Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura - SALIC e acervo documental e fotográfico disponibilizado pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC.

Quadro 2 – Acontecimentos relevantes no recorte temporal de 1996 a 2015.

ANO	ACONTECIMENTOS RELEVANTES*
1996	- Jurandir dos Santos Assis inicia a coordenação do grupo Dança de Caboclos; - Criação do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (Decreto n.º 38.319).
2001	- Apresentação da Dança de Caboclos em Araponga (evento religioso)
2003	- Apresentações da Dança de Caboclos em Araponga (eventos religiosos); - Criação do Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; - Homologação do Território da Serra do Brigadeiro , pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA.
2004	- 1º Encontro de Tradições Mineiras, com apresentação da Dança de Caboclos em Araponga ; - Disponibilização de recursos do MDA para elaboração do Inventário da Cultura Popular do TSB e Calendário das Festas Populares; - Projeto de estruturação da Dança de Caboclos aprovado pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais – BDMG em parceria com o Dep. de Cultura da prefeitura da Araponga.

2007	- Inauguração da Casa da Cultura em Miradouro . - Noite Cultural em Araponga , com apresentação da Dança de Caboclos. - Prefeitura de Araponga firma um convênio e parceria (com apoio financeiro e logístico) com a CEPEC; - Realização do I Fórum Cultural de Araponga.
2008	- Inauguração da Casa da Cultura “Arrepiados da Serra” em Araponga .
2009	- Início do Projeto Ponto de Cultura “os caboclos da mata olelê” pela CEPEC, aprovado pelo Ministério da Cultura.
2010	- 1º Terreiro Cultural em Araponga , com apresentação da Dança de Caboclos; - 2º Terreiro Cultural em Miradouro , com apresentação da Dança de Caboclos; - 3º Terreiro Cultural em Sericita , com apresentação da Dança de Caboclos.
2011	- Apresentação da Dança de Caboclos na EFA Puris em Araponga , para a oficina de dança do projeto Ponto de Cultura “os caboclos da mata olelê”.
2012	- 4º Terreiro Cultural em Fervedouro , com apresentação da Dança de Caboclos.
2013	- 5º Terreiro Cultural em Araponga , com apresentação da Dança de Caboclos; - 7º Terreiro Cultural em Canaã , sem a apresentação da dança.
2014	- Cavalgada Aldeia da Vida em Ervália , com apresentação da Dança de caboclos.
2015	- Não ocorreram apresentações.

*Fonte de dados: Quadro 1 e Anexo A, Anexo C e Anexo D.

Dentre os dados coletados de todas as fontes, houve um total de 12 apresentações no Território Serra do Brigadeiro, entre o período de 2001 e 2014 (dados presentes na Figura 16, no Quadro 1 e no Anexo A). No período de 1996 a 2000 não foram observados registros, embora o coordenador atual do grupo já se encontrasse nesta função (Figura 17 e Quadro 2). É possível que tenha havido mais apresentações entre 1996 a 2015, contudo o pouco número de registros existentes não possibilitou a representação de mais dados.

Segundo a Figura 17, das 12 apresentações, 8 foram realizadas em praças públicas, correspondendo a 66,67%. Duas apresentações foram realizadas em

escolas, totalizando 16,67%. Já em ginásio poliesportivo e parque de exposições, foi observada uma apresentação em cada, correspondendo a 8,33% para cada espaço. Deste modo, fica claro que a predominância das apresentações e suas “territorializações flexíveis” (SOUZA, 2000, p. 87) são em praças públicas, um território onde diferentes agentes se encontram e buscam estabelecer suas territorialidades (seja políticoadministrativo, econômico ou cultural), e onde interesses individuais e coletivos se conflitam. Contudo, esta diversidade de agentes possibilita a expansão do alcance e da visibilidade desta manifestação.

A partir do primeiro mapa gerado (Figura 16) podemos perceber que há apresentações em 5 cidades (Araponga, Miradouro, Fervedouro, Sericita e Ervália) das 9 que compõem o Território Serra do Brigadeiro. Contudo percebe-se uma concentração na cidade de Araponga (localidade de origem da manifestação em questão), em especial na área urbana central do município (Figura 17). Segundo a Quadro 1, as apresentações ocorreram na área urbana dos municípios, com exceção da apresentação na EFA Puris, localizada na Comunidade Novo Horizonte, na Zona Rural de Araponga.

Dos eventos observados (presentes nos Quadros 1 e 2, e Anexo A) onde há apresentações da dança, 5 dos 12 são os “Terreiros Culturais”, correspondendo a 41, 67%. Os “Terreiros Culturais”, segundo Silva K. et. al. (2013), foram uma iniciativa do programa de extensão universitária Teia, da Universidade Federal de Viçosa, com o objetivo de integrar comunidades, movimentos sociais e organizações da Zona da Mata mineira de modo a celebrar, valorizar e incentivar a cultura popular e à Agroecologia. Nestes eventos podemos perceber a ampla participação de diversos grupos voltados à cultura popular. Os Terreiros Culturais registrados receberam apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (exceto o 1º evento, em 2010), bem como de várias outras instituições (ver Quadro 1 e Anexo A).

A partir do segundo mapa gerado (Figura 17) e do Quadro 2, pode-se observar que as apresentações não assumem uma regularidade entre os anos 2001 e 2014. Também se pode perceber que ocorreram registros de apresentações nos anos de 2002, 2005, 2006, 2008, 2009. Embora a dança se relacione à festa de São Sebastião, no dia 20 de Janeiro (GIOVANNINI JÚNIOR, 2005) (Anexo D), não há apresentações regulares nesta data ao longo do recorte temporal especificado.

Considerando os dados do Quadro 2, é possível afirmar que a homologação do Território Serra do Brigadeiro apresentou influência nas apresentações da dança. Podemos perceber a partir de 2003 um incremento de ações de cunho cultural as quais ocorreram participações do grupo. Segundo dados do MDA ³⁴, foram disponibilizados recursos para a realização do Inventário da Cultura Popular do Território da Serra do Brigadeiro e da Convecção do Calendário das festividades populares presentes no Território da Serra do Brigadeiro (presente no Anexo D). Considerando os dados do Quadro 2, em 2007 ocorreu a inauguração da Casa da Cultura de Miradouro, e somente em 2008 inaugurou-se a Casa Cultural “Arrepiados da Serra” no município de Araponga. Ambas foram construídas a partir do Programa de Infraestrutura (PROINF) do Ministério do Desenvolvimento Agrário³⁵.

Entre os anos de 1996 a 2002 foram registradas uma apresentação, cujo evento foi de caráter religioso. A partir de 2003 (ano de homologação de Território Serra do Brigadeiro, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA) até 2015, foram registradas 11 apresentações. Destas, 6 tiveram o apoio do MDA, correspondendo à 54, 5% das apresentações deste período (Quadro 1 e Anexo A). Além das instituições e organizações de caráter local, pode-se perceber a presença de apoio da Secretaria da Cultura e Secretaria do Esporte do Estado de Minas Gerais, e Instituto Estadual de Florestas – IEF.

Associando os dados do Quadro 1, Quadro 2 e os mapa das Figuras 16 e 17, podemos perceber a expansão das apresentações no TSB, para além dos limites do seu município de origem possibilitadas, principalmente, pelos Terreiros Culturais. Apresentando 4 dos 5 eventos em que ocorreram apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” no TSB, os Terreiros Culturais se apresentaram como importantes mecanismos de visibilidade, expansão e integração da cultura popular neste Território.

Podemos notar, a partir do Anexo D, que os eventos não seguem exatamente o Calendário Festivo do Território da Serra do Brigadeiro formulado (GIOVANNINI JÚNIOR, 2006, p. 32-33). Deste modo, podemos observar que a Dança de Caboclos de Araponga, não se apresenta todos os anos no dia 20 de janeiro, como previsto no calendário, tendo uma ligação maior com projetos (como

³⁴ Perfil Territorial (2015, p.7). Caderno Territorial. Sistemas de Informações Territoriais. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_078_Serra%20do%20Brigadeiro%20-%20MG.pdf>

³⁵ Idem, Ibidem.

os Pontos de Cultura) ou eventos específicos (Terreiros Culturais, Noite Cultural, Cavalgada, etc.) (no Quadro 1 e Anexo A).

É possível perceber, a partir de dados fornecidos pelo MDA³⁶, que os subsídios fornecidos ao Território são destinados, em seu maior montante, à agricultura familiar, principalmente à cultura do café. Assim, os grupos culturais têm de buscar outras fontes de subsídios, como o Ministério da Cultura, Secretaria de Esportes e apoio de empresas privadas, como demonstrado no Quadro 1.

³⁶ Perfil Territorial (2015, p.7). Caderno Territorial. Sistemas de Informações Territoriais. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_078_Serra%20do%20Brigadeiro%20-%20MG.pdf>

6 CONCLUSÃO

A homologação do Território Serra do Brigadeiro influenciou diretamente nas apresentações da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”. A partir da criação da Casa Cultural “Arrepiados da Serra”, atual sede da CEPEC, o grupo de dança foi envolvido em projetos e diferentes eventos. A destinação de recursos aos “Terreiros Culturais” possibilitou a expansão da territorialidade da dança, uma vez que esta pode ir além dos limites municipais, abarcando mais quatro municípios do Território. Contudo, esta destinação de recursos se mostra insuficiente para atender as demandas culturais, uma vez que o grupo de dança e mesmo os “Terreiros Culturais” precisaram de recorrer a outros apoios para prosseguir (ver Tabela A e anexo A). Uma maior destinação de recursos poderia permitir maior integração e intercâmbios (culturais, sociais e econômicos) entre os municípios do Território Serra do Brigadeiro, contribuindo para o desenvolvimento sociocultural deste.

A criação da CEPEC, no ano de 2003, foi de suma importância para o grupo, pois, possibilitou a integração da Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados” a diferentes projetos. Porém, estes projetos (como o Pontos de Cultura, Anexo A, apresentação 9) possuem uma duração temporária e abarcam também outras iniciativas. Assim, é necessária a estruturação de projetos de longo prazo, que primem pela Dança de Caboclos, sua apresentação e meios de reprodução, de modo que a população de Araponga e demais município do TSB possam obter maior contato com a mesma.

O Calendário de Festividades do Território Serra do Brigadeiro (Anexo D) revela uma grande potencialidade pouco explorada. A sua elaboração possibilita a criação de iniciativas que envolvam todo o território, de modo a abarcar datas comemorativas dos municípios, promovendo também o intercâmbio e a integração dos mesmos. Por exemplo, há no calendário em questão a referência à festa de Folia de Reis e de São Sebastião de 6 a 20 de Janeiro em todos os municípios (com exceção da cidade de Fervedouro). No dia 20 deste mês, na cidade de Araponga, é comemorada a Festa de São Sebastião e também se refere à Dança de Caboclos. Neste contexto, seria oportuno estabelecer um cronograma de apresentações da dança pelos municípios onde há esta festividade, realizando um circuito desta

manifestação por todo TSB. Este meio poderia ser utilizado também pelas outras manifestações do território, porém é necessário, como dito anteriormente, a realização de projetos e políticas públicas que visem o aparelhamento destes grupos para que possam conduzir estas manifestações culturais. Também é necessário o envolvimento de outras instituições e grupos sociais com a dança, como por exemplo, a EFA Puris. A dança de caboclos foi uma manifestação cultural, que ao longo dos anos foi deixando de ser celebrada, voltando a se apresentar com o coordenador Jurandir dos Santos Assis. Contudo, sua concentração no âmbito da CEPEC tende a limitar seu envolvimento local e seu sentido de pertencimento. Algo que poderia ser superado com maior envolvimento de agentes locais com a dança em questão. Sendo o turismo um importante setor econômico da cidade de Araponga, a Dança de Caboclos se apresenta como importante potencial que poderia ser melhor aproveitado, de modo a fomentar esta área.

Foi possível compreender, embora não seja o objetivo principal desta pesquisa, que a Dança de Caboclos (ou caboclinhos) possui origem colonial, e não se refere a um Povo Originário em específico. Reunindo influências europeia, africana e indígena, a Dança de Caboclos “Folguedo dos Arrepiados”, a partir da atual coordenação, busca a inserção de diferentes aspectos da cultura Puri de modo a enfatizar esta raiz na população do município de Araponga. Contudo, ainda percebemos a ligação da Igreja Católica com esta dança (ver Anexo A, Apresentações 1, 2, 3 e 11), o que nos remonta a resquícios da sua origem jesuítica no período colonial.

As ferramentas de Geoprocessamento aplicadas neste trabalho se mostraram eficientes para a representação dos dados levantados, se mostrando relevante para estudos e pesquisas de cunho cultural. A coleta, sistematização e distribuição espacial dos dados a partir do *Arc Gis 10.3®*, permitiu obter um panorama da Dança no Território em questão, possibilitando a percepção dos problemas, potencialidades e alcance desta manifestação cultural. Permitiu também observar as territorialidades estabelecidas no espaço e as relações estabelecidas. Vemos que a utilização do Geoprocessamento aplicado às questões de cunho cultural pode gerar grande contribuição para a compreensão, planejamento e gestão por parte de setores públicos, organizações e instituições que visem promover ações neste setor.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José Otávio. **Revisitando o Tema da Guerra entre os Índios Puri-Coroado da Mata Central de Minas Gerais nos Oitocentos: Relação com o Estado, Subdiferenças étnicas, Transcultações e Relações tensivas no Vale do Rio Pomba (1813-1836)**. Revista Minemosine. Volume 1. N. 2, jul/dez 2010. ISSN 2237-3217.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Os Festejos do Reinado de Nossa senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas**. 2008. 251 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2008.
- ATAÍDE, Marcos Sebastião. **A Etnocartografia no Brasil - 10 anos depois**. XXV Congresso Brasileiro de Cartografia - Curitiba - PR – Brasil. 2011.
- AZEVEDO, Jaqueline Karla. SENA, José Roberto. **Kapinawá: Caboclinhos e Religiosidade Afro-indígena na Cidade do Recife**. XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG) no GT 09: Religiões Afro-brasileiras e espiritismos.
- BARROS, Maria Mirtes dos Santos. ZANNONI, Claudio. **A Voz dos Espíritos: uma Abordagem sobre o Maracá em Sociedades Indígenas do Maranhão**. P. 27-32. Caderno de Pesquisa, São Luís, v. 19, n. 2, maio/ago. 2012.
- BEZERRIL, Kellia de Oliveira. GALVÃO, Iapony Rodrigues. **Friedrich Ratzel: uma Análise da Difusão de suas Ideias no Contexto da Geografia Brasileira**. Sociedade e Território. Natal - RN. Vol. 25, nº 1. p. 19 – 29. jan./jun. 2013.
- BRAGA, Liliane Rodrigues de Oliveira. **Etnocartografia e Modelagem do Território Sagrado das Comunidades de Candomblé, Santa Luzia, MG**. 2014. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. 87 f. Belo Horizonte. 2014.
- BRASIL/MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA)/SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL (SDT). **Referências para uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável no Brasil**. (Documentos SDT, 01). 2005a.
- CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Editora J. Leite & Cia. Rio de Janeiro. 1925.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 1º ed. Rio de Janeiro. Ediouro, 1954.
- CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA. **Território da Serra do Brigadeiro - MG**. Junho, 2004. 80 p.
- CLAVAL, Paul Charles Christophe. **Geografia Cultural: Um balanço**. Revista Geografia (Londrina), v. 20, nº 3, p. 5-24. set/dez. Londrina – PR. 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

FAVARETO, Arilson. SCHRODER, Monica. **Do Território como “ator” ao Território como “campo”: Uma análise da introdução da abordagem territorial na política de desenvolvimento rural no Brasil**. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural: “ Conhecimento para agricultura do futuro”. Londrina – PR. 2007.

FÁVERO, C. **Plano Safra Territorial do Território Serra do Brigadeiro – Minas Gerais**. São Paulo/SP: Plural-SDT/MDA, 2006.

FREITAS, Alair Ferreira. **Dinâmicas Sociais e Desenvolvimento Territorial no Território Serra do Brigadeiro: Atores, redes Instituições**. 2015. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. Área de concentração: estudos organizacionais e sociedade. 245 f. Minas Gerais. 2015.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. **Folguedos da Mata: Um registro do Folclore da Zona da Mata**. Leopoldina. Do autor. 2005. 216 p.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. **Os povos da Serra dos Arrepiados: suas festas, sua cultura**. 2006. Araponga – MG. 60 p.

HAESBAERT, Rogério Costa. **O mito da desterritorialização: do “fins do território” à multiterritorialidade**. Editora Bretrand Brasil. 2ª edição, 2004. 395 p.

LEMOS, Marcelo Sant’Ana. **Vocabulário da Língua Puri (Português-Puri)**. Rio de Janeiro. Edição do Autor, 2014. 2ª edição. 52 p.; 21 cm.

LEMOS, Marcelo Sant’Ana. **As músicas e as danças dos povos Puri, Coropó e Coroadó**. Caderno 1. 2015

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo Caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio Amazônico**. Novos Cadernos NAEA. vol. 2, nº 2 - dezembro 1999. p. 28.

LORETO, Maria das Dôres Saraiva de. SANTOS, Carmem Lúcia. GOMES, André Luis. **A Formação e Gestão do Território Rural da serra do Brigadeiro – MG: a percepção dos conselheiros**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. “Territórios em disputa: os desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro”. Uberlândia – MG. 2012. p. 1-15

MACHADO, Meline Cabral. **Mapeamento Cultural e Gestão Territorial de Terras Indígenas: O uso de Etnomapas**. 2014. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Departamento de Geografia. Área de Concentração: Gestão Ambiental e Territorial. 119 f. Brasília – DF. 2014.

MATTOS, Isabel Missagia. **O litígio dos Kayapó nos sertões da Farinha Podre (1847-1880)**. Dimensões. Vol. 18. 2006. Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de História. p. 138 -148.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Instituto Estadual de Florestas. Programa de Proteção da Mata Atlântica. **Plano de Manejo Parque Estadual Serra do Brigadeiro. Encarte 1-Diagnóstico do Parque.** Belo Horizonte – Minas Gerais. 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Território Serra do Brigadeiro. Plano Safra Territorial.** Secretaria do Desenvolvimento Agrário. 2006. Brasília - DF.

MOARES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica.** 2003. Editora Anablume. 21ª edição. 150 p.

OLIVEIRA, Shirley de. **Um Bailado da Cultura Popular: Estudo sobre a Dança de Caboclinho na região de Governador Valadares.** 2014. Monografia. Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. 47 f.

PREZIA, B. A. **Os indígenas do Planalto Paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas.** 2000. São Paulo. Humanitas.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 25-30, jul/dez. 2009. Editora UFPR.

RESENDE, Maria Efigênia de Lage. VILLALTA, Luiz Carlos. **História de Minas Gerais. As Minas Setecentistas.** Vol.1. Edição 1. Editoras Autêntica e Companhia do Tempo. 2007. 592p.

SÁ JÚNIOR, Ariovaldo de. **Aplicação da Classificação de Köppen para o Zoneamento Climático do Estado de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado). Área de Concentração: Engenharia de Água e Solo Universidade Federal de Lavras. 2009. 101 f. Lavras – MG. 2009.

SEEMANN, Jörn. **Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a Geografia Cultural no Brasil.** In: Almeida, Maria Geralda de; Ratts, A.J.P.. (Org.). Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003, v. , p. 261-284.

SILVA, Elisângela Moraes. **Arqueologia e Coletivos indígenas: os Purizados do entorno da Serra do Brigadeiro/Minas Gerais.** Dissertação. 2011. Belo Horizonte, Minas Gerais. 296 p.

SOARES, Frederico dos Santos. **Mapeamento Cultural: Uma proposta de leitura do espaço.** 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília – Departamento de Geografia. Área de Concentração: Geoprocessamento para Gestão Ambiental e Territorial. 90f. Brasília – 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Geografia: Conceitos e temas. Orgs. CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. 2º edição. Ano 2000. 352 p.

SOUZA FILHO, Theophilo Alves. TAMADA, Mariela Mizota. PASSOS, Rosalia Maria. ABI-ABIB, Nayme Petrus. **Modelagem de banco de Dados de Geoprocessamento Aplicado na Agricultura.** XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,

Administração e Sociologia Rural. Apresentação Oral. Universidade Federal de Rondônia. 2008. Porto Velho – RO.

VITARELLI, Camila Costa. **A Concepção de desenvolvimento sustentável na atuação de ONGs no entorno do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, MG.** 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, MG, 2005.

Sites visitados:

AMORIM, José Carlos de. **Pau de Fita: Entre o Sagrado e o Profano.** 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Aline/Downloads/15218-25447-1-PB.pdf>> Acessado em: 08 mai. 2016.

Atlas Digital das Águas de Minas.
Disponível em: <<http://www.atlasdasaguas.ufv.br/>>
Acessado em: 22 mai. 2015.

CÂMARA, G.; DAVIS, C.; MONTEIRO, A. M.; D'ALGE, J. C. **Introdução à Ciência da Geoinformação.** São José dos Campos, INPE, 2001 (on-line, 2ª edição, revista e ampliada).
Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/>>.
Acessado em: 15 mai. 2016.

Circuito Turístico Serra do Brigadeiro:
Disponível em: <<http://cterradobrigadeiro.blogspot.com.br/p/circuito-turistico-serra-do-brigadeiro.html>>.
Acessado em: 22 mai.2016.

Circuito Turístico Serras de Minas.
Disponível em: <<http://www.serrasdeminas.org.br/roteiro.php>>.
Acessado em: 22 mai. 2016.

COMISSÃO NACIONAL DE CARTOGRAFIA – CONCAR. **Especificações Técnicas para Estruturação de Dados Geoespaciais Digitais Vetoriais (versão 2.0).** SISTEMA CARTOGRÁFICO NACIONAL. NORMA CARTOGRÁFICA BRASILEIRA. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. 2007.
Disponível em: <<file:///D:/Nova%20pasta/concar%202007.pdf>>
Acessado em: 06 mai. 2016.

DEBRET, Par J. B. **Voyage Pittoresque et Historique au Brésil.** Volume I. 1834.
Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon326376/icon326376.pdf>
Acessado em: 20 abr. 2016.

D'ORBIGNY, M. Alcide. **Voyage Pittoresque Dans Les Deux Amériques. Résumé Général de Tous Les Voyages.** 1834.

Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=Qy8VAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>

Acessado em: 20 de jun. de 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. **Termos de Compromissos Firmados.**

Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/component/content/article/1271>>

Acessado em: 22 mai. 2016.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Histórico da investigação de Cor ou Raça das pesquisas domiciliares do IBGE. In: **Características Étnico-raciais da População: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008.** IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>>

Acessado em: 27 abr. 2016.

MÈTRAUX, Alfred. **The Puri-Coroado Linguistic Family.** In: Handbook of South American Indians. Vol. I. 1946.

Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hsai%3Avol1p523-530/vol1p523-530_puri_coroado.pdf>

Acessado em: 20 abr. 2016.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Secretaria do Desenvolvimento Territorial. Áreas de Resultado.**

Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/sdt/%C3%A1reas-de-resultado>>.

Acessado em: 22 mai. 2015.

Prefeitura Recife Oficial. **Caboclinhos e Blocos Líricos desfilam no Bairro do Recife.** Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/prefeituradorecife>>

Acessado em: 10 jun. 2016.

RIBAS, Rodinei. **Os Puris da Serra dos Arrepiados, hoje Serra do Brigadeiro.** 2010.

Disponível em: <<http://colibridourado1.blogspot.com.br/2010/03/minha-tribo.html>>.

Acessado em: 10 de mai. 2016.

Revista Minérios e Minerais. **A maior fábrica integrada de Alumínio.**

Disponível em:

<http://www.minerios.com.br/EdicoesInt/313/9/A_maior_fabrica_integrada_de_aluminio.aspx>.

Acessado em: 22 mai. 2016

RUGENDAS, Johann Moritz. **Marlerische Reise in Brasilien.** 1835.

Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994_item1/P2.html>

Acessado em: 22 mai. 2016.

SANTOS, Climério de Oliveira. **Guerra – Uma Introdução ao Estudo da Performance dos Caboclinhos Canindé**. 2007. 13 p.

Disponível em:

http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_COSantos.pdf

Acessado em: 10 jun. 2016.

SILVA, Kim. OLIVEIRA, Leonardo Abud Dantas de. CARDOSO, Irene Maria. BARBOSA, Willer Araújo. CRUZ, Nina Abigail Caligiorne. **Terreiro-cultural – semeando a agroecologia, resgatando histórias e ressignificando identidades na zona da mata mineira**.

Disponível em:

<http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=1131>

Acessado em: 12 jun. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos**. Biblioteca Central. 2012. Viçosa – MG.

Disponível em:

<http://www.bbt.ufv.br/wp-content/uploads/ManualtrabalhosAcademicos.pdf>

Acessado em: 10 mar. 2016.

ANEXO A – Relação de Registros Coletados para Especialização.

Fontes:

Associação Cultural Sons da Mata

Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura - SALIC (dados disponibilizados na Internet)

Acervo documental e fotográfico disponibilizado pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga - CEPEC

APRESENTAÇÃO 1

- **Evento:** Festa do Padroeiro São Miguel e Nossa Senhora Aparecida.
- **Local:** Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG.
- **Data:** 12 de outubro de 2001.
- **Apoio:** Paróquia de São Miguel de Araponga.
- **Registro:** Programação do Evento e Convite (acervo disponibilizado pela CEPEC).

**FESTA DO PADROEIRO SÃO MIGUEL
NOSSA SENHORA APARECIDA
ARAPONGA - MG**

Do Dia 29/09 a 12/10/2001

**TEMA: "SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO RESGATANDO A
CAMINHADA DAS COMUNIDADES DA PARÓQUIA"**

PROGRAMAÇÃO

DIA 29/09 - SÁBADO Dia de SÃO MIGUEL - abertura das festividades - INÍCIO DA TREZENA
12:00H - Repique dos Sinos/ Música/ Fogos
18:30H - 1ª caminhada saindo da E. E. Cônego José Ermelindo de Souza
13:00H - Missa Festiva - Homenagens a São Miguel e a N. Senhora Aparecida - Orações da Trezena
Equipe responsável: Escola Côn. José Ermelindo e moradores da Praça Manoel Romualdo de Lima.

DIA 30/09 - DOMINGO
7:00H - Terço de São Miguel na Matriz / Ladaíinha de Nossa Senhora
16:30H - Assembléia dos Vicentinos
18:30H - Caminhada saindo das ruas São Vicente, João dos Anjos Macedo e rua João Batista do Carmo.
19:00H - Missa pelos Vicentinos/Homenagens/Orações - Com a participação da Comunidade de Canaã.
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Vicentinos e moradores das ruas São Vicente, João dos Anjos Macedo, João Batista do Carmo.

DIA 1/10 - SEGUNDA - FEIRA
18:30H - Caminhada saindo da Areia Branca
19:00H - Missa - Homenagens - Orações
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Dimensão Social e moradores da Areia Branca

DIA 02/10 - TERÇA - FEIRA
18:30H - Caminhada saindo da Praça do Rosário e rua Sebastião Lucio de Assis
19:00H - Missa - Homenagens, Orações
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Catequistas, Catequese e moradores da Praça do Rosário e Rua Sebastião Lucio

DIA 03/10 - QUARTA - FEIRA
7:00H - Terço De São Miguel Na Matriz/ Ladaíinha De Nossa Senhora
18:30H - Caminhada Saindo Da Rua Vicente José De Lima
19:00H - Missa - Homenagens / Orações
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Equipe de Liturgia, Corais e moradores da Rua Vicente José de Lima

DIA 04/10 - QUINTA - FEIRA
6:30H - Hora Santa e Bênção do Santíssimo
18:30H - Caminhada Saindo da Vila Tomás
19:00H - Missa / homenagens/ orações
20:30H - Confissões
Equipe Responsável: Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde, Ministros da Eucaristia e moradores da vila Tomás

DIA 05/10 - SEXTA - FEIRA (1ª Sexta)
6:30H - Hora Santa e Bênção do Santíssimo
18:30H - Caminhada saindo da rua São José
19:00H - Missa / Homenagens / Orações
20:30H - Confissão comunitária para os casais
Equipe Responsável: Apostolado da oração e moradores da Rua São José

DIA 06/10 - SÁBADO
7:00H - Terço de São Miguel e Ladaíinha de Nossa Senhora na Matriz
18:30H - Caminhada saindo das ruas José Ernesto Kúmel e rua Maria Joana de Jesus Macedo
19:00H - Missa/ Homenagens/ Orações
20:30H - Confissão comunitária para jovens
Equipe responsável: Grupo de Jovens, Crisma e Moradores das ruas Ernesto Kúmel e Maria Joana.

DIA 07/10 - DOMINGO
8:00H - Abertura do Encontro Paroquial das CEB's
9:00H - Oração das Crianças na Matriz
16:30H - Caminhada saindo das ruas São Geraldo e Moises Mauricio Macedo
17:00H - Missa - Homenagens/ Orações
18:30H - Confissões
Equipe Responsável: CEB's - Coroinhas e moradores das ruas São Geraldo e Moises Mauricio Macedo

DIA 08/10 SEGUNDA - FEIRA
18:30H - Caminhada saindo das ruas Horácio Batista de Miranda, Sebastião Pereira da Costa e Benedito dos Anjos Macedo
19:00H - Missa - Homenagens/ Orações
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Grupos de reflexão, Equipe do PSINM e moradores das ruas Benedito dos Anjos, Sebastião P. da Costa e Horácio B. de Miranda.



DIA 09/10 TERÇA - FEIRA
18:30H - Caminhada saindo das ruas João Gomes da Costa e Angelo Jacovine
19:00H - Missa/ Homenagens/ Orações
20:30H - Confissões
Equipe responsável: Pastoral familiar (ECC) moradores das ruas Angelo Jacovine e João Gomes da Costa

DIA 10/10 - QUARTA - FEIRA
6:30H - Terço de São Miguel e Ladaíinha de Nossa Senhora
18:30H - Caminhada das ruas José Bastião, Manuel B. Gourliato e Praça São Miguel.
19:00H - Missa / Homenagens / Orações
20:30H Confissões
Equipe responsável: Dimensão Econômica/ Pastoral do Diálogo moradores das ruas José Bastião, Manuel B. Gourliato e Praça São Miguel.

DIA 11/10 - QUINTA - FEIRA
6:30H - Hora Santa e Bênção
18:30H - Caminhada da rua São Sebastião
19:00H - Missa / Homenagens / Orações/ Bênção das Bandeiras / Levantamento dos Mastro.
20:30H - Procissão dos carros, motos/ Bênção para todos os motoristas
Equipe responsável: CPP, Dimensão Religiosa e moradores da rua São Sebastião

DIA 12/10, SEXTA - FEIRA, DIA SANTO
VIVA SÃO MIGUEL VIVA NOSSA SENHORA APARECIDA !!!

05:30 h - Alvorada Festiva
10:30 h - Missa das Crianças - com homenagem das crianças à N. Senhora e São Miguel
12:00 h - Repique dos Sinos e fogos (As Famílias Soltarem foguetes)
14:00 h - Chegada das Comunidades em caravanas Apresentação do Grupo dos Cabloco de Araponga
15:00 h - Missa solene de Ação de graças à São Miguel e Nossa Senhora Aparecida

Grande Procissão pelas ruas da cidade com a Banda São José de Barra Longa
Homenagens e Consagração à Nossa Senhora Aparecida
Bênção do Santíssimo

Equipe Responsável: CPP, Equipe de Liturgia, Dimensão Religiosa e Corais.

FESTEIROS: Os moradores das ruas responsáveis para cada dia da Trezena
AGRADECIMENTOS: A Todos que participarem e colaborarem com a nossa festa
VISTO: CPP, Dimensões Religiosas, Social e Econômica, Equipe de Liturgia Pe. Joaquim Moreira Paes

**APÓS AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS
HAVERÁ GRANDE BAILE DE CONFRATERNIZAÇÃO.
VENHA SE ALEGRAR CONOSCO!**

Todos os dias, haverá barraquinha e leilão

NAS PRÓXIMAS FESTAS COLABORE, VOCÊ TAMBÉM, PARA A CONFECÇÃO DOS PROGRAMAS.

ATENDIMENTO PERSONALIZADO É NA TYP@GRÁFICA Tel: 3891-4652 - Viçosa

PARÓQUIA SÃO MIGUEL

Araponga, 09 de setembro de 2001

Exmº Sr. Chefe dos caboclos,

Estaremos celebrando a Festa do Padroeiro São Miguel e Nossa Aparecida no dia 12/10/01. Por isso, venho convidar o Grupo de Caboclos para fazerem parte deste evento, prestando também homenagens a São Miguel e Nossa Senhora Aparecida, através de apresentação na Praça da Matriz.

Atenciosamente,

Pe. Joaquim Moreira Paes(Pároco)

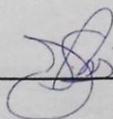
APRESENTAÇÃO 2

- **Evento:** 1ª Noite Cultural Ecumênica Jovem.
- **Local:** Ginásio Poliesportivo Juarez Martins de Teixeira, Praça do Rosário, Araçuaia – MG.
- **Data:** 22 de fevereiro de 2003.
- **Apoio:** Paróquia São Miguel de Araçuaia.
- **Registro:** Convite (acervo disponibilizado pela CEPEC).

Saudações em cristo

Vimos através desta, convidar ao grupo de Caboclos (Puris) de Araçuaia, tendo como coordenador Jurandir, para participar da 1ª Noite Cultural Ecumênica Jovem, a realizar-se no dia 22 de Fevereiro de 2003, a partir das 21:00 hs no Ginásio Poliesportivo de Araçuaia.

Certos de que contaremos com sua presença, gostaríamos desde já lhes agradecer.



Assinatura do responsável

Atenciosamente
Grupo Soldados de Cristo (PJ Araçuaia)

APRESENTAÇÃO 3

- **Evento:** Festa de São Sebastião.
- **Local:** Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG.
- **Data:** 26 de janeiro de 2003.
- **Apoio:** Paróquia São Miguel de Araponga.
- **Registro:** Programação do Evento e Convite (acervo disponibilizado pela CEPEC).

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO
Araponga – 26 de Janeiro – 2003

“Bem aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus”! (Mt 5,10)

PROGRAMAÇÃO

- ***Dias 23 – 24 – 25 de Janeiro***
TRÍDUO EM PREPARAÇÃO PARA FESTA – 19:00h
- **Dia 26 de Janeiro – FESTA**
10:30 – Batizados
13:00 – Missa Festiva com a presença:
DOS CABOCLOS – DOS CONGADOS – DA FOLIA DE REIS E GRUPO DE CAPOEIRA → Apresentações
14:00h – Cavalgada de São Sebastião
17:00h – Procissão Solene
18:00h – Missa Solene & Bênção

FESTEIROS:

Pe. Joaquim Moreira Paes & Comissão Organizadora

Dias 25 e 26 – Sábado e Domingo - Forró

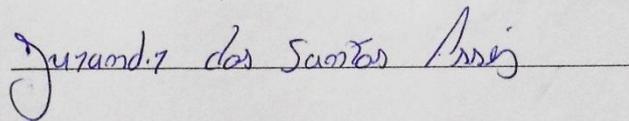
Araponga, 13 de janeiro de 2003

Ao Chefe os Caboclos(Puris)

A Paróquia São Miguel de Araponga vem por meio deste convidar o Grupo de Caboclos para participarem das Solenidades da Festa de **São Sebastião nos dias 25 e 26 de Janeiro de 2003.**

Agradecemos imensamente e desejamos grandes realizações neste trabalho de regaste e preservação da cultura.

OBS: Caso aceite, favor confirmar assinando abaixo:

A handwritten signature in blue ink, reading "Joaquim Moreira Paes", is written over a horizontal line.

Pe. Joaquim Moreira Paes (Pároco)

APRESENTAÇÃO 4

- **Evento:** 1º Encontro de Tradições Mineiras.
- **Local:** Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG.
- **Data:** 2004.
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga- CEPEC;
Centro de Tradições Mineiras de Leopoldina.
- **Registro:** Dados fornecidos pela CEPEC;
Dados disponibilizados pela Associação Cultural Sons da Mata
(Leopoldina – MG) em seu site. Disponível em:
<<http://nucleocumbuca.blogspot.com.br/2010/03/encontro-de-tradicoes- mineiras.html>>



APRESENTAÇÃO 5

- **Evento:** Noite Cultural.
- **Local:** Escola Estadual Cônego José Ermelindo de Souza. Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG.
- **Data:** 25 de agosto de 2007.
- **Apoio:** Escola Estadual Cônego José Ermelindo de Souza; Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Departamento do Patrimônio Histórico e Cultural de Araponga; Prefeitura de Araponga.
- **Registro:** Matéria do Jornal “Tribuna Livre” (acervo disponibilizado pela CEPEC).



APRESENTAÇÃO 6

- **Evento:** 1º Terreiro Cultural.
- **Local:** Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG.
- **Data:** 08 de maio de 2010.
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;
Fundo Estadual de Cultura;
Prefeituras dos municípios do Território Serra do Brigadeiro;
- **Registro:** Fotografia (acervo disponibilizado pela CEPEC).



APRESENTAÇÃO 7

- **Evento:** 2º Terreiro Cultural.
- **Local:** Parque de Exposição Amaro Acelino de Andrade, Rua José F. da Silva, Miradouro – MG.
- **Data:** 28 de maio de 2010.
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;
Ministério do Desenvolvimento Agrário;
Instituto Estadual de Florestas – IEF;
Prefeituras dos municípios do Território Serra do Brigadeiro.
- **Registro:** Fotografia (acervo disponibilizado pela CEPEC).



APRESENTAÇÃO 8

- **Evento:** 3º Terreiro Cultural.
- **Local:** Praça Santa Rita de Cássia, Sericita - MG.
- **Data:** 06 de novembro de 2010.
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;
Ministério do Desenvolvimento Agrário;
Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro – TBS;
Instituto Estadual de Florestas;
Prefeituras dos municípios que compõem o Território Serra do Brigadeiro;
- **Registro:** Cartaz do evento (acervo disponibilizado pela CEPEC).



APRESENTAÇÃO 9

- **Evento:** Projeto Ponto de Cultura “Os caboclos da mata olelê”, oficina de Dança.
- **Local:** Escola Família Agrícola - EFA Puris. Comunidade Novo Horizonte, São Joaquim – Zona Rural de Araponga – MG.
- **Data:** 2011.
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC; Ministério da Cultura; Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais.
- **Registro:** Cartaz do Projeto e fotografia (acervo disponibilizado pela CEPEC).

arte
CAFÉ
.....

“os caboclos da mata olelê...”

Ponto de Cultura

Artesanato *Palha de Café*

Dança de Caboclo **Folclore**

Cine Comunidade

Realização

CEPEC
Centro de Pesquisa e Promoção Cultural
www.cepecmg.org.br

Apoio

PONTO de CULTURA
PULSANDO O BRASIL

GOVERNO DE MINAS
Construindo um novo tempo
CULTURA

Ministério da Cultura
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA



APRESENTAÇÃO 10

- **Evento:** 4º Terreiro Cultural, 7ª Cavalgada Aldeia da Vida;
- **Local:** Praça Silvino Nazaré, Distrito de São Pedro do Glória.
Fervedouro – MG;
- **Data:** 15 de abril de 2012;
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;
Ministério da Cultura;
Ministério do Desenvolvimento Agrário;
Secretaria de esporte e juventude do Estado de Minas Gerais;
Escola Estadual São Pedro do Glória;
Prefeitura Municipal de Fervedouro;
Votorantim;
Energisa;
Liz Cimentos.
- **Registro:** Fotografia e Cartaz do Evento (acervo disponibilizado pela CEPEC).



VIVA PARQUE ESTADUAL SERRA DO BRIGADEIRO



7ª CAVALGADA DO ENTORNO SEMANA PEDAGÓGICA ATIVIDADES CULTURAIS

13/04 (sexta-feira)

18:00 – Abertura Oficial

- Lançamento da Programação da Rádio Comunitária itinerante
- Abertura da exposição de fotografias “Memória e Cultura de um Povo”
- Apresentação de dança com alunas do ensino médio da E.E. “São Pedro do Glória”
- Projeção do Filme “Entre Montanhas e Muriquis”

14/04 (sábado)

08:00 as 16:00

- Momento cívico
- Apresentação do Coral Infantil da EE “São Pedro do Glória”- músicas sobre meio ambiente
- Abertura dos Jogos Escolares/Semana Esportiva

15/04 (domingo)

12:00 – 4º TERREIRO CULTURAL DA SERRA DO BRIGADEIRO - Apresentações de 8 grupos folclóricos

Coordenação do Instituto Asas de Viçosa

21:00 – Show Sertanejo com Énio Castro e Vanderley (Araponga)

De 16 a 20/04

- Oficina de brinquedos reciclados (segunda a sexta-feira)
- Grupo de Encontro e Integração Humana (segunda a quinta-feira)
- Oficina de Dança do Caboclo (segunda e terça-feira)
- Oficina de tinta com solo (quarta-feira)
- Oficina com Palha de café (quarta e quinta-feira)
- Oficina de sabão caseiro (quarta-feira)
- Apresentação das poesias, redações e desenhos vencedores dos concursos (quinta-feira)
- Cinema na Praça - Projeção de filmes nacionais (segunda a quinta-feira)
- Debate sobre cultura regional, meio ambiente e incêndios florestais (segunda a quinta-feira)

20/04 (sexta)

09:00 – Início da cavalgada partindo da comunidade do Estouro - município de Araponga

17:00 – Chegada em São Pedro do Glória

19:00 – Apresentação do grupo folclórico João do Mato (município de Sericita)

20:00 – Apresentação do documentário sobre a História de São Pedro do Glória

21:00 – Show com Toninho, Cleidiano e Banda (Belo Horizonte)

21/04 (sábado)

07:00 – Café da Manhã dos cavaleiros e convidados

08:00 – Missa em Ação de Graças

09:00 – Início da cavalgada

11:00 – Almoço em Bom Jesus do Madeira/Fervedouro

13:00 – Cavalgada em direção ao Pico do Boné, via Trilha do Carvão

17:00 – Chegada à Pousada Dico Simão

19:00 – Apresentação de Folia de Reis comunidade Pico do Boné

20:00 – Show Marcos Vinícius, Rafael e Banda (Guaraciaba)

22/04 (domingo)

07:00 – Café da Manhã

08:00 – Momento de Graças

10:00 – Início da Cavalgada

13:30 – Almoço e Encerramento – Fazenda Mundial em Araponga

14:00 – Show com Cristiano (Viçosa)

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL EM BOM JESUS DO MADEIRA

Dia 14/04 (sábado)

18:00 – Apresentação dos Espetáculos de Dança Grupo Impacto e Êxtase – Viçosa/MG

20:00 – Show com Tião Farinhada e Banda (Espera Feliz)

Apoio:



APRESENTAÇÃO 11

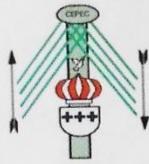
- **Evento:** 5º Terreiro Cultural, Festa de São Sebastião;
- **Local:** Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga – MG;
- **Data:** 20 de janeiro de 2013;
- **Apoio:** Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – CEPEC;
Ministério da Cultura;
Ministério do Desenvolvimento Agrário;
Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais;
Paróquia de São Miguel de Araponga;
Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro – TBS;
Circuito Turístico Serras de Minas;
Departamento de Cultura, Prefeitura de Araponga.
- **Registro:** Cartaz do Evento (acervo disponibilizado pela CEPEC).



APRESENTAÇÃO 12

- **Evento:** Cavalgada Aldeia da Vida;
- **Local:** Praça do Rosário, Ervália - MG;
- **Data:** 25 de abril de 2014;
- **Apoio:** Cavalgada Aldeia da Vida;
Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araçuaia – CEPEC;
Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura - SALIC.
- **Registro:** Site oficial do SALIC.
Disponível em: < <http://novosalic.cultura.gov.br/cidadao/dados-projeto?idPronac=501eac548e7d4fa987034573abc6e179MTcyOTUzZUA3NWVmUjEzNDUwb3RT> >.

ANEXO B – Documento do Centro de Pesquisa e Promoção
Cultural de Araponga – CEPEC como parte do Conselho Consultivo do
Parque Estadual Serra do Brigadeiro.



CEPEC – Centro de Pesquisa e Promoção Cultural

CNPJ: 05.684.627/0001-22
Rua São José, 237- Centro - Araponga/MG - CEP: 36594-000
e-mail: cepeccontatos@bol.com.br

Meio Ambiente

Membro do Conselho Consultivo do Parque Estadual da Serra Brigadeiro – PESB, uma importante reserva ambiental do estado de Minas Gerais, tendo importante papel nas discussões acerca do desenvolvimento e manutenção da área.

ANEXO C – Matéria no Jornal “Radar de Minas” sobre o convênio realizado entre a Prefeitura Municipal de Araponga – MG e o Centro de Pesquisa e Promoção Cultural – CEPEC (2007).

PARCERIA COM CEPEC



Curso de palha de café



Curso de picles



Cursos



Foro de Cultura



Foro de Cultura



Foro de Cultura

Ampliando as atividades e investimentos no campo da cultura, a Prefeitura Municipal de Araponga firmou convênio e parceria com o CEPEC - Centro de Pesquisa e Promoção Cultural, com cooperação financeira e logística.

O CEPEC, juntamente com o Depto. de Cultura vem investindo em atividades que visam o desenvolvimento e fortalecimento da identidade Cultural de Araponga. Dentro das atividades estão:

- Programa de Fortalecimento e Desenvolvimento do Ar-

tesanato, com a criação do espaço "Oficina do Artesão", espaço este, destinado à comercialização do artesanato.

- Juntamente com outras parcerias, principalmente com o SENAR, trouxe para o município vários cursos ligados ao artesanato;

- Atualmente está desenvolvendo um projeto com artesanato em palha.

- Estruturação do Grupo de Dança de Caboclos, através de vestes e a adorno;

- Apoio e estruturação do Grupo de Folha de Reis do Boné,

com vestes e adereços;

- O CEPEC, juntamente com a Prefeitura Municipal e demais organizações, apresentou para o Território Serra do Brigadeiro, o projeto de construção da "Casa da Cultura", para atender às comunidades do território, como espaço multiuso, em encontros, palestras, apresentações e principalmente como ponto de comércio para o artesanato e a agricultura familiar; projeto este aprovado e já construído

- Realização do Fórum Cultural de Araponga. (março 2006).

RADAR DE MINAS, JULHO/2007 - CRUZIA/H6

- A parte selecionada da matéria contém a seguinte informação: "Ampliando as atividades e investimentos no campo da cultura, a Prefeitura Municipal de Araponga firmou convênio e parceria com o CEPEC – Centro de Pesquisa e Promoção Cultural, com cooperação financeira e logística." Radar de Minas (2007).

ANEXO D – Calendário Festivo do Território da Serra do Brigadeiro.

Elaborado a partir do Projeto Inventário Cultural do Território da Serra do Brigadeiro.

Calendário Festivo do Território da Serra do Brigadeiro. Realizado pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – MG, a partir do Projeto Inventário Cultural do Território Serra do Brigadeiro. Também presente no Livro “Os povos da Serra dos Arrepiados: suas festas, sua cultura”, do autor Giovannini Jr. (2006, p. 32-33).

	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO		
Araponga	06 e 20 - Folia de Reis e de São Sebastião 20 - Festa de São Sebastião Dança de Cabeços		Quaresma Encomendação das Almas	Semana Santa Caminhada às Águas Santas 13 - aniv. da Lira	Todo mês - Mês de Maria	17 - Festa de São Manoel	s/d - Festa da Colheita		20 - Festa de São Miguel	12 - caminhada às Águas Santas s/d - Festa do Café			s/d - aniv. da Lira	Araponga
Divino	06 e 20 - Folia de Reis e de São Sebastião		Quaresma Encomendação das Almas e Charola de N ^o Sr ^a dos Passos			s/d - Exp. Agropecuária 23 - Festa de São João 29 - Festa de São Pedro Pentecostes - Festa do Divino		15 - Caminhada à capelinha da pedra s/d - Festa da Mocidade	1 ^o Domingo - Festa do Carro de Boi	12 - Caminhada à capelinha da pedra	01 - aniv. Corporação Musical	25 - natal no Centro Espírita divino Esquilo Santo		Divino
Ervalia	06 e 20 - Folia de Reis e de São Sebastião 20 - Festa de São Sebastião	Carnaval - Escola de Samba União do Morro			01 - Festa de São José Operário 03 - Dia de ir ao Cruzeiro (Cangaço) 03 - Festa de Santa Cruz (Godinhos)	13 - Festa de Santo Antônio 17 - Festa da Cidade 23 - Festa de São João 29 - Festa de São Pedro			02 - Festa do Café 14 - Aniversário de Bom Jesus (D. Vitorino)	04 - Festa de São Francisco (Cangaço) 12 - Festa de Nossa Senhora Aparecida (capelinha)				Ervalia
Fervedouro				Semana Santa - Ermida de Antônio Martins	Todo mês - Mês de Maria	23 - Festa de São João (Madeira) 29 - Festa de São Pedro (São Pedro do Górea)		s/d - Festa do Café	14 - Jubileu de Bom Jesus			04 - Festa de Santa Bárbara		Fervedouro
Miradouro	06 e 20 - Folia de Reis e São Sebastião (Miradouro, Monte Averno e Sapé)	Carnaval - Boi Pintado	Quaresma - Encomendação das Almas		03 - Jubileu de Santa Cruz (Monte Averno) 22 - Festa de Santa Bárbara e mês de Maria	23 - Festa de São João (Pinheiros) s/d - Festa de São João								Miradouro
Muriáe	06 e 20 - Folia de Reis e São Sebastião (vários grupos)				13 - Festa de Preto Velho Todo mês - Rezinha do Mês de Maria Romaria à Pedra Santa	13 - Festa de Santo Antônio (Belizário) 29 - Festa de São Paulo Todo mês - Rezinha do Mês de Maria Romaria à Pedra Santa	1 ^a Semana - Encontro de Bandas 25 - Festa de São Cristóvão Todo mês - Rezinha do Mês de Maria Romaria à Pedra Santa	s/d - Fabel (Belizário) Todo mês - Rezinha do Mês de Maria Romaria à Pedra Santa	02 - Exposição Agropecuária 06 - Dia do Muraiense 27 - Festa de Casimiro e Damiana	12 - Festa de Nossa Senhora Aparecida				Muriáe
Pedra Bonita	20 - Festa de São Sebastião (Pedra Bonita e Córrego dos Filhos)		19 - Festa de São José		Todo Mês - Mês de Maria (Córrego do Café e Pedra Bonita)	13 - Festa de Santo Antônio (Córrego dos Filhos) 29 - Festa Junina				12 - Festa de Nossa Senhora Aparecida (Córrego do Café) s/d - Festa de Nossa				Pedra Bonita
Sericita	20 - Festa de São Sebastião (Sericita e Santana)				s/d - Mês de Maria (Santana) 22 - Festa de Santa Rita	23 - Festa Junina	s/d - Festa de Santa Bárbara			12 - Festa de Nossa Senhora Aparecida				Sericita
Rosário da Limeira	06 e 20 - Folia de Reis e de São Sebastião 20 - Festa de São Sebastião					23 - Festa de São João (Ancorado) 29 - Festa de São Pedro (São Pedro) Pentecostes - Folia do Divino	s/d - Exposição Agropecuária			07 - Festa de Nossa Senhora do Rosário	07 - Folia de Santa Luzia (Ancorado)	22 - Festa de Aniversário da Cidade		Rosário da Limeira